

TAÍS PIRES DOS SANTOS

**LITERATURA MARGINAL E  
A CULTURA DA PERIFERIA NA MÍDIA**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

2014

TAÍS PIRES DOS SANTOS

**LITERATURA MARGINAL E  
A CULTURA DA PERIFERIA NA MÍDIA**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Adécio de Sousa Cruz

Co-orientadora: Profa. Mariana Lopes Bretas

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

2014



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Monografia intitulada *Literatura marginal e a cultura da periferia na mídia*, de autoria da estudante Taís Pires dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Adécio de Sousa Cruz  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Profa. Dra. Ana Carolina Beer Figueira Simas  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 18 de julho de 2014

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram a realizar meu trabalho e a chegar a esse ponto tão importante da minha vida que é o encerramento dessa fase tão boa que foi a faculdade. Obrigada ao meu orientador, que apesar de todo o atraso e enrolação, me aceitou como orientanda e contribuiu bastante para o andamento do meu trabalho. Aos meus amigos, muito obrigada pelo apoio e pela força, por acreditarem em mim quando nem eu mesmo acreditava, e por me incentivarem tanto na produção do que foi o trabalho mais complicado que já fiz. Obrigada também à minha família. Aos meus pais por sempre se esforçarem para dar para mim e para meus irmãos o melhor de tudo, e por investirem tanto em nossa educação. Também agradeço a eles por entenderem quando eu precisei de mais tempo para concluir meu curso. Ao meu irmão Bruno, obrigada por concluir a sua monografia e me mostrar que era possível sim eu também fazer o mesmo.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo de caso sobre a relação da nova “literatura marginal” e a imprensa. Para tanto, teremos como objeto de estudo números especiais da revista *Caros Amigos*. Discutiremos também o aumento de produtos culturais relacionados à periferia e por ela produzidos. No decorrer da pesquisa, foi possível perceber como o campo da literatura, antes reservado a indivíduos da elite econômica-cultural, agora é espaço de novos sujeitos: os produtores da nova “literatura marginal”.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Literatura marginal; Cultura; Periferia; Mídia.

## **ABSTRACT**

This paper's objective shows a study on the relationship between the new “marginal literature” and the press. Therefore, we take as the object of study special editions of the magazine *Caros Amigos*. We will also discuss the increase of cultural products related to the periphery and produced by it. During the research, it was possible to notice how the literature field, before reserved to members of the economic and cultural elite, has opened space to new subjects: the producers of the new “marginal literature”.

## **KEYWORDS**

Marginal literature; Culture; Periphery; Media.

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO 1- A literatura marginal.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 - Relação entre imprensa e literatura.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 - Literatura dos os excluídos.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 - Revistas Caros Amigos - Edição Especial “Literatura Marginal”.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 2- A cultura da periferia.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 - A presença da cultura da periferia na mídia.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 - A literatura marginal como expressão da cultura da periferia.....</b>	<b>34</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>36</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>41</b>
<b>1 - Editorial Caros Amigos – Edição especial literatura marginal – Ato I.....</b>	<b>41</b>
<b>2 - Editorial Caros Amigos – Edição especial literatura marginal – Ato II.....</b>	<b>43</b>
<b>3 - Editorial Caros Amigos – Edição especial literatura marginal – Ato III.....</b>	<b>45</b>
<b>4 - Revista Caros Amigos – Edição especial literatura marginal – Ato I.....</b>	<b>47</b>
<b>5 - Revista Caros Amigos – Edição especial literatura marginal – Ato II.....</b>	<b>51</b>
<b>6 - Revista Caros Amigos – Edição especial literatura marginal – Ato III.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Analisando o conteúdo midiático produzido nos últimos anos, aproximadamente das duas últimas décadas para cá, é possível notar uma tendência em se fazer das temáticas comuns ou populares nas periferias pautas para os meios de comunicação, sejam eles televisivos, impressos, cinematográficos, etc. Produtos culturais típicos desses ambientes, como o rap, o funk e o grafite, ganharam mais destaque e espaço em lugares em que antes predominavam quase que exclusivamente a cultura das classes A e B. Nota-se isso quando percebemos, por exemplo, o crescimento no número de filmes e seriados em que a favela é o principal cenário e os seus moradores são as personagens mais importantes, ao invés de serem apenas coadjuvantes, cujas histórias não fazem parte da trama central. Além de filmes internacionalmente reconhecidos como Cidade de Deus e Tropa de Elite, séries como Antônia (2006-2007), Cidade dos Homens (2002-2005), que também virou filme, e a mais recente Suburbia (2012), todas da Rede Globo, e Turma do Gueto (2002-2004), da Rede Record, são alguns exemplos de produções cujo recente sucesso parece ter se dado devido às suas temáticas.

A participação de atores da periferia nos espaços culturais não para por aí. Eles estão se inserindo em um campo que, mais do que a televisão ou o cinema, era tido como quase que exclusivo da elite do país: o da literatura, o mundo dos intelectuais, dos letrados. É a insurgência da chamada “literatura marginal”, produzida pelos marginalizados para os marginalizados (social, cultural, econômica e/ou geograficamente), e que fala sobre a realidade na qual estão inseridos.

Em nosso país, a monopolização dos meios de produção cultural por aqueles que possuem maior poder aquisitivo reflete como a desigualdade é um problema presente em vários âmbitos da vida, e não só no financeiro. No entanto, se a desigualdade dificulta o acesso dos menos ricos à cultura e à sua produção, ela não é um empecilho para que eles cheguem lá. É o que se observa quando as classes C e D, formada por aqueles que não tiveram acesso pleno à educação formal e que não seriam tão “cultos” quanto a outra parcela da população, começaram a superar essa dificuldade e passaram a assumir também o papel de produtores do cenário. É o fortalecimento da “voz da periferia” e de sua identidade, a partir do reconhecimento da sua produção cultural.

É provável que a grande razão disso seja a falta de representatividade da maioria da população em nossa “cultura tradicional”. Até mesmo a chamada cultura de massa, não pode

ser considerada uma representante fiel da maioria da população brasileira, afinal, ainda é algo produzido por uma minoria que sequer faz parte da massa, do “povão”. Como disse o antropólogo e roteirista de televisão Hermano Vianna em um texto de divulgação do programa *Central da Periferia*<sup>1</sup>,

O minúsculo país cultural oficial, mesmo o retratado nos programas mais "populares" da mídia de massa, parece uma pequena e claustrofóbica espaçonave, em rota de fuga através de buracos negros, cada vez mais afastado do país real, da economia real, da cultura da maioria. (VIANNA, 2006, p. 02)

As pessoas não se sentiam representadas, e talvez seja daí que tenha surgido essa iniciativa de mostrar a sua voz. Mas, além disso, além da presença cada vez mais forte da “voz da periferia” na cultura brasileira (VIANNA, 2006), o que há de mais marcante nessa presença da cultura periférica nas mídias é que, mais do que ser apenas pauta para os produtos culturais, ela é quem a produz. Ainda de acordo com Vianna, a sua voz não está mais terceirizada, é a periferia que fala por si. O espaço que se abriu não foi só para os programas e histórias que falam sobre a favela, mas também para os próprios “favelados”. Isso se deu, principalmente, através da literatura marginal, na qual são eles os autores publicados e que vem ganhando destaque.

Com o objetivo de tentar compreender um pouco mais este amplo tema, este trabalho vai tratar da cultura da periferia e da literatura marginal e de suas relações entre si, faremos um estudo de caso da publicação especial da revista *Caros Amigos*, dedicada à literatura produzida por uma nova leva de escritores que são habitantes, em sua maioria, da periferia urbana. Esclarecendo que chamo de cultura periférica todas as manifestações culturais que tiveram origem na periferia e que ganharam alta aceitação entre seus moradores, tais como movimentos musicais e de dança, como o funk, o rap, o break, o samba, movimentos artísticos visuais, como o grafite, e as produções que derivam deste ambiente, como filmes, séries e programas pautados por ele, tendo o eixo São Paulo-Rio de Janeiro, seus morros e favelas como principal exemplo da realidade social periférica do país, mas levando também em consideração algumas especificidades das periferias de outras regiões do Brasil. Já como literatura marginal será considerada a produção literária feita por pessoas oriundas destes ambientes e que assim se autodenominam, marginais. Produções que abordam temas

---

<sup>1</sup> *Central da Periferia* foi um programa exibido pela Rede Globo no ano de 2006. Exibido aos sábados e apresentado por Regina Casé, ele tinha o objetivo de mostrar e divulgar a cultura feita nas periferias e dar voz aos artistas periféricos de todo o Brasil.

recorrentes à vida na periferia, como a violência, e que possuem caráter quase autobiográfico, já que são inspiradas pelas vivências e experiências dos autores.

## CAPÍTULO 1 – A LITERATURA MARGINAL

A expressão *literatura marginal* pode ser interpretada de diferentes maneiras. Ela pode se referir a uma literatura produzida fora do cânone tradicional, longe das editoras comerciais, e cujos autores procuravam métodos alternativos de impressão e divulgação da sua obra. Ela pode também ser compreendida como a literatura feita por sujeitos provenientes de grupos sociais marginalizados, ou então como a produção textual que aborda assuntos comuns aos espaços considerados marginais.

No contexto brasileiro, a interpretação mais comum e divulgada no mundo literário é a primeira (NASCIMENTO, 2006). Um movimento da literatura brasileira que ficou conhecido como Geração Mimeógrafo<sup>2</sup>, pois essa era a tecnologia usada pelos autores para a impressão e cópia de suas obras. Durante os anos 70 e início dos 80, em época de ditadura militar e grande censura, um grupo de escritores “reinventou formas de divulgação ao expor seus textos em folhas mimeografadas, depois em muros, jornais e camisetas; e de circulação, ao vendê-los em bares, praias e outros espaços públicos de sociabilidades” (NASCIMENTO, 2006). Como estava à margem do circuito editorial tradicional, o movimento, que era composto em sua maioria por poetas, também ganhou o nome de Poesia Marginal. Ana Cristina César, Torquato Neto, Chacal e Paulo Leminski são alguns nomes que fizeram parte dessa geração.

Esse movimento foi considerado marginal pela crítica e pelos estudiosos, e não pelos próprios autores, levando em consideração o processo de produção, divulgação e circulação, e não por causa do conteúdo. E mesmo assim, segundo Hollanda (1981), era possível perceber sempre certa cautela por parte dos “analistas” ao usarem o termo “marginal”. Percebe-se aí como este termo sempre foi carregado de uma conotação histórica negativa.

Com referência à representação da “categoria marginal” que passa a ser consagrado para designar essa nova poesia, é curioso observar que, ao contrário dos pós-tropicalistas, nenhum dos poetas marginais atribui-se tal função, chegando mesmo a ironizá-la. A classificação marginal é adotada por analistas e assim mesmo com certo temor e hesitação. Fala-se mais frequentemente “ditos marginais”, “chamados marginais” evitando-se uma postura afirmativa do termo. Geralmente ele vem justificado pela condição

---

<sup>2</sup> A Geração Mimeógrafo não foi um movimento apenas da literatura. Ele também se fez presente no teatro, nas artes plásticas e no cinema, com produções que não se encaixavam no circuito comercial da época. O artista Helio Oiticica e o cineasta Glauber Rocha são dois exemplos do movimento da “geração mimeógrafo” em outros campos artísticos.

alternativa, à margem da produção e veiculação do mercado, mas não se afirma a partir dos textos propriamente ditos, isto é, de seus aspectos propriamente literários. (HOLLANDA, 1981, p.98-99)

De acordo com o dicionário *Michaelis*, a palavra “marginal” significa “pertencente ou relativo às margens, que se segue à margem”. O dicionário traz também a definição de homem marginal: “indivíduo mais ou menos delinquente ou anormal, que vive à margem das normas éticas”. Entendemos então o porquê da cautela dos críticos em chamarem os autores de marginais, lá nos anos 70.

Mas se existe essa conotação tão negativa (de acordo com o dicionário, um marginal é considerado “anormal”), por que há quem se intitule assim? É uma questão de autoafirmação. Alguém se reconhecer como marginal, sendo que é justamente tal característica que faz com que a sociedade o/a discrimine, é algo parecido com uma atitude política de combate ao preconceito, de assumir suas diferenças e ainda sim se valorizar. Tem um significado similar ao de um negro que pára de alisar seus cabelos e solta o seu *black*. Ou então de um homossexual que “sai do armário” e se assume assim perante todos. É uma tentativa de ressignificar esses termos que adquiriram caráter pejorativo e, assim, se autoafirmar e superar o preconceito e a discriminação, seja lá de qual ordem ela for: racial, social, sexual, etc. E isso é também válido para o campo das produções culturais, para evidenciar suas particularidades e características, valorizando-se frente àquilo que é considerado como clássico ou erudito. É o “gesto de autodenominar sua produção textual como *literatura marginal*, já que com isso o “*povo da periferia/favela/gueto*” procura, sem aparentes recalques, assumir concreta e publicamente sua diferenciada identidade artística, cultural e social” (ESLAVA, 2004, p.39).

Dissemos aqui que as interpretações de *literatura marginal* são plurais e um pouco distintas entre si. No caso dos escritores da época da ditadura, sua produção literária era rotulada assim não por eles, mas pelos críticos e estudiosos, e nem pelo conteúdo e temáticas, e sim pela forma de produção e divulgação. Já no caso da literatura de que trataremos aqui, oriunda da periferia, o título de marginal é atribuído a ela pelos próprios autores, e, em muitos casos, ela poderia ser considerada como tal pelos temas abordados também. A primeira está à margem do circuito editorial tradicional. A segunda está à margem da sociedade (incluindo o circuito editorial) – e se reconhece por isso. Essa é a grande diferença entre essas duas formas de marginalidade na literatura. Outra diferença importante é a origem dos autores. No

primeiro caso, eles eram pessoas da classe média, que tiveram acesso a estudos e outras ferramentas de empoderamento social, enquanto os escritores do segundo grupo são oriundos de “*periferia/favela/gueto*”, e tiveram como experiência cotidiana a violência, a exclusão social e outras situações comuns aos ambientes marginais. Se uns são marginais por definição dos outros, eles o são por vivência.

É quase que contraditório. Como uma prática tão reservada às classes mais altas e letradas tal como a literatura, pode ter sido apropriada por pessoas que não fazem parte dessa elite, que ocupam os mais baixos escalões sociais do país? Como aponta Fernando Eslava, em seu artigo “Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita”: “os dois termos, *literatura* e *marginal*, como se sabe, carregam uma longa história de polêmicas e desencontros ao estarem atrelados a uma série de discursos com os que se nomeiam práticas humanas e sociais muito diversas” (ESLAVA, 2004, p.38).

As manifestações culturais das periferias sempre existiram: na música, desde o samba até o mais atual rap, na dança, com o break e hip-hop, entre outros exemplos. Entretanto, não se havia notado até então, não tão intensamente, a presença periférica no campo artístico da literatura, pelo menos não enquanto manifestação específica de um nicho social, visto que a periferia brasileira e seu cotidiano já estiveram presentes em enredos de livros no passado. Em busca de novas formas para se expressarem, os “favelados” começaram a fagocitar esta arte praticamente aristocrática e a digeri-la, transformando-a em algo que não só condiz com a realidade deles, mas que é uma expressão da mesma. Eles “se apropriaram de vez da palavra escrita para dar fisionomia a suas criações literárias e artísticas” (ESLAVA, 2004, p.36).

A literatura, arte dos salões nobres, chega, assim, ao morro, onde apenas se concebia o samba, a capoeira, artes da ginga do corpo, tão distantes das ditas habilidades intelectuais exigidas pela literatura: pois “agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve”. (FERRÉZ, 2005, p. 9)

As vivências e experiências que eram compartilhadas antes pelas ideias e pela fala, agora ganham registro no papel. Com uma linguagem característica, com bastante oralidade e forte uso de gírias, a literatura marginal é mais do que uma mera apropriação da palavra escrita, é uma adaptação dela ao contexto dos seus autores. É como se a palavra escrita ganhasse uma nova função, pois ela perde a característica da rigidez em ser culta e

completamente “correta”. É a escrita trabalhando em função da oralidade, da linguagem das ruas, dos signos e significantes das comunidades periféricas, lugar do qual ela parecia estar tão afastada. O instrumento maior da instrução educacional e cultural passa a ser associado, dissonantemente, ao insípido e cruel mundo das quebradas. “Há algum tempo escrevo poemas com as mesmas mãos com que trabalho de ajudante de pedreiro./Pra muita gente pode parecer exótico, pode parecer surreal. Mas o que tem de estranho? Pobre não tem sensibilidade? Não pode escrever, desenhar, pintar, interpretar?” José Rocha Albuquerque em “Uma carta em construção” (2002). É a

emergência recente de um movimento que aglutina sujeitos de tribos e de galeras que, munidos da tecnologia da palavra, embora seu domínio seja muito diferenciado, começam a traçar seus signos para dar vazão a energias criadoras cuja fonte inspiradora é, de maneira preferencial, a própria experiência de sobreviver nos espaços marginais e marginalizados da sociedade nacional. (ESLAVA, 2004, p.39)

Como já foi comentado, uma das características desse movimento é a oralidade. Em alguns casos, o que é escrito podia muito bem estar sendo falado, pois as grafias das palavras são bastante parecidas com o jeito que elas são pronunciadas na fala informal. Um “aspecto do discurso da experiência na literatura marginal é a utilização do vocabulário popular (gíria) e a criação de neologismos, especialmente os que reproduzem graficamente a pronúncia oral” (ZIBORDI, 2004). Um exemplo de texto da literatura marginal com essa característica é a poesia “Faz eles rí”, de autoria de Ferréz e postada em seu blog (<http://ferrez.blogspot.com.br>) em 2004:

Faz eles rí

Us fio tem que entendê  
Que siozinho qué rir  
Us minino mesmo sofrendo  
Tem que aprendê a si diverti

Num basta o sofrimento  
Incultado nessa vida  
Num basta as mazelas  
Vamus esquece as ferida

Antigamente povoação  
Hoje é periferia  
Zumbi nunca chorou

Morreu na loca corrida

Us encantados foi embora  
Se acabaram no bar e na cerveja  
Rei Nagô se lamenta  
A morte única certeza

Povo guerreiro num ri de tudo  
Abandonô terrero e esqueceu  
Preto evangélico hoje ora  
Pai salva filho teu

Mais do céu num vem melhora  
Caboclos se entristeceu  
Esqueceram os traços e raízes  
De um povo que pru zoto viveu.  
Muita coisa mudou na estória  
capitão mantinha na corrente  
A evolução veio sem demora  
Hoje o preto pra polícia é delinqüente.

Mas não é só através da linguagem informal que se manifesta a literatura marginal. De acordo com Marcos Zibordi (2004), existe a tendência à expressão formal, de lastro culto, claramente influenciada pelos textos religiosos. “Algumas passagens são inegavelmente inspiradas na sintaxe dos textos bíblicos e não é demais pensar nas edições dos evangelhos como um dos mais acessíveis livros das populações periféricas” (ZIBORDI, 2004, p.74). Para ele, a igreja desempenha um forte papel na vida da periferia, pois a presença dela no morro chega antes da presença do Estado.

As narrativas são, não raramente, marcadas pela experiência, o que confere a elas um caráter biográfico. Elas não podem ser consideradas biografias reais, nem relatos fiéis de acontecimentos da vida do autor, pois existe a ficcionalização intencional dos fatos. Entretanto, existe nos textos a presença marcante das vivências de quem escreve. Esta literatura possui uma maneira orgânica, natural, com a qual os escritores articulam o seu fazer literário com a experiência de viver no espaço periférico (OLIVEIRA, 2011). Mas os significados que o “marginal” acrescenta à literatura não são apenas no âmbito estético. Associada a esse termo, ela passa a ser um modo de habitar a periferia e se fazer existir ali, dando novas perspectivas e significações a esse instrumento artístico (OLIVEIRA, 2011).

A narrativa literária marginal da experiência, transmissora de uma história vivida, de uma trajetória (biografismo), pode ser percebida também numa tendência ao autobiografismo. Curioso é que os relatos em primeira pessoa não significam a transposição fiel, direta e exata de cenas, passagens e

personagens da experiência do autor para o texto, nem muita fidelidade para com os fatos, como no caso do narrador jornalístico: antes demonstram a elaboração literária das práticas vivenciais. (ZIBORDI, 2004, p.73)

Existe também uma aproximação muito forte com o movimento do rap e do hip-hop, e não só pelo fato de ambos terem um linguajar mais informal. Inclusive, muitos dos autores são também *rappers e mc's*. Como ambas as expressões culturais são provenientes do mesmo ambiente, as vivências de seus produtores são parecidas. Não é incomum que um artista projete em sua obra suas experiências pessoais, ainda que disfarçadas pelo discurso da ficção. Então, temas como a violência, a miséria e a precariedade, o preconceito e até mesmo o cárcere, são enredos recorrentes da literatura marginal e também do rap nacional, como é possível ouvir nas músicas de grupos como os Racionais MC's ou Fação Central, por exemplo. Linguagem agressiva, ideias de contestação à ordem, descrédito da polícia, presença da religiosidade, entre outros elementos, também são ingredientes comuns na receita desse tipo de literatura. Outra característica que considero importante é o fato de que a literatura marginal assume um papel de voz coletiva. Ao escreverem as suas próprias experiências e contá-las ao mundo, para quem quiser ler, os autores se tornam porta-vozes das vivências periféricas ao tentarem inseri-las nos meios “oficiais” da cultura.

Um traço bastante inovador da literatura marginal da periferia é justamente o seu caráter de voz coletiva, comprometida em contar e escrever a própria experiência, em contraponto à cultura oficial dominante. Contudo, não se trata de negar os monumentos e canais de afirmação e divulgação da tradição cultural, mas de inserir-se nela, numa atitude conscientemente cosmopolita. (OLIVEIRA, 2011, p.34)

Considero que o marco inicial da literatura marginal enquanto um movimento múltiplo, coletivo e de maior circulação (no caso destes textos específicos) foi a publicação das edições especiais da revista *Caros Amigos*, “Literatura marginal: a cultura da periferia”. Foram três atos, o primeiro publicado em 2001, o segundo em 2002 e o terceiro em 2004. Já existiam obras publicadas desse gênero, como *Cidade de Deus*, de Paulo Lins e *Capão Pecado*, de Ferréz, mas foi essa série que deu maior visibilidade aos outros autores e à literatura marginal enquanto movimento.

As três edições da revista foram organizadas por Ferréz, importante figura no cenário nacional da literatura marginal. Essas publicações acabaram por dar origem a um livro, também organizado por ele, intitulado *Literatura marginal – talentos da escrita periférica*,

publicado pela editora Agir, em 2005. O livro é uma compilação de textos de dez autores que tiveram alguma publicação em, pelo menos, uma das três edições especiais da revista. Ferréz é o nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva, escritor oriundo do Capão Redondo, bairro periférico da cidade de São Paulo. Foi colunista da revista *Caros Amigos* por quase dez anos e atualmente escreve para a revista Fórum. Já escreveu textos para o jornal *Folha de São Paulo* e para a revista *Trip*. Participava do programa *Manos e Minas*, da *TV Cultura*, com seu próprio quadro de entrevista, chamado *Interferência*, e é um dos apresentadores do programa para internet *Programa Piloto*, exibido pela *Tv Carta*, da revista *Carta Capital*. Seu primeiro livro, de poemas, *Fortaleza da desilusão*, foi lançado em 1997, mas foi em 2000 que ele publicou sua obra de maior destaque, *Capão Pecado*, que faz referência a seu bairro de origem. Três anos depois, lançou seu segundo romance, *Manual prático do ódio*. Também escreve letras de *rap*, e já gravou dois discos. Tem outras publicações de poesias, contos, textos infantis e romances. Trabalhou como um dos roteiristas da série *9MM*, do canal de TV por assinatura FOX, da terceira temporada da série *Cidade dos Homens*, da Rede Globo, e teve um de seus contos, *Os inimigos não levam flores*, adaptado para televisão e para os quadrinhos. Foi durante sua época de colunista na revista *Caros Amigos* que Ferréz organizou os três atos das edições especiais sobre literatura marginal e cultura da periferia.

Outro nome importante, e reconhecido, da literatura marginal é Paulo Lins. Carioca da favela Cidade de Deus, sua obra mais famosa é o romance homônimo de seu bairro, *Cidade de Deus*, publicado em 1997 e adaptado para o cinema em 2002, pelo cineasta Fernando Meirelles. Formado em Letras, Paulo Lins foi roteirista da série *Cidade dos Homens* e trabalhou na adaptação cinematográfica da música *Faroeste Caboclo*, da banda Legião Urbana. Ele também já escreveu sambas-enredo para escolas de samba. Existem outros nomes que devem ser mencionados quando está se falando de literatura marginal, como Alessandro Buzo, Sergio Vaz e Aldemiro Alves (Sacolinha).

## 1.1 RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A IMPRENSA

O jornalismo impresso e a literatura sempre tiveram relações próximas e características em comum. Desde o fato de ambos terem a palavra como instrumento principal de trabalho, até a ligação entre os dois que foi feita, lá no século XIX, com os folhetins, publicações de textos literários em jornais impressos. Muitos escritores já ocuparam o ofício de jornalista, e existe, inclusive, uma vertente do jornalismo que se entrelaça com a literatura, pois utiliza de técnicas literárias para contar histórias e fatos reais: é o chamado jornalismo literário. André Miranda, colunista do jornal *O Globo*, em uma publicação para o site do jornal, fala sobre como alguns importantes escritores, nomes como Nelson Rodrigues e Luís Fernando Veríssimo, também passaram por redações e influenciaram o trabalho da imprensa brasileira. Nela, ele mostra como começou a surgir a associação entre esses dois tipos de ofício, em termos de jornalismo literário.

A matéria-prima é a mesma, mas o senso comum costuma diferenciar as palavras de um texto jornalístico das do texto literário. Um seria direto, sem floreios, simplesmente informativo. O outro ofereceria caminhos diversos, poderia embaralhar a narrativa e transformar a ficção em realidade. Mas aí alguém escreveu que Frank Sinatra estava resfriado<sup>3</sup>, outro deu o título de “Pennando” a uma reportagem sobre Afonso Penna, e um terceiro ofereceu relatos da vida como ela é. Foram provas de que jornalismo e literatura têm laços próximos. (MIRANDA, 2012)

A incorporação de técnicas da literatura na prática do jornalismo, tal como o colunista nos mostra na citação acima, é apenas um dos pontos que traz a conexão entre ambas as formas de se utilizar a palavra escrita. Outra questão importante que mostra a relação entre elas é o fato de que houve uma época em que os jornais impressos eram um dos principais meios de propagação de obras literárias, através dos folhetins. No século XIX, quase dois séculos depois da invenção da prensa por Gutenberg, as publicações impressas começaram a se popularizar, pois já havia um número considerável de pessoas que já sabiam ler. Foi nesta época que começaram a aparecer os primeiros jornais na Europa. É desta época também o aparecimento dos folhetins, que era produções literárias publicadas nos jornais em forma de capítulos (ALVIM, 2008).

---

<sup>3</sup> Miranda fala sobre a reportagem de Gay Talese intitulada "Frank Sinatra está resfriado", texto de caráter literário sobre uma entrevista com o cantor. Essa reportagem é um marco do *New Journalism*, uma das escolas do jornalismo literário, surgida nos Estados Unidos em 1906.

A princípio, o termo “folhetim” era usado para se referir ao espaço no jornal, a parte inferior da primeira página, reservado para a publicação de textos de entretenimento, a área de “miscelânea”, como receitas, piadas, críticas de peça de teatro, etc (MEYER,1996). Depois, quando esse espaço passou a ser utilizado para a publicação de histórias divididas em capítulos, usando a mesma lógica das novelas televisas, a palavra “folhetim” passou a ser usada para falar destes textos.

O primeiro folhetim foi publicado em um jornal francês, escrito por Honoré de Balzac. O famoso romance *Crime e Castigo* de Fiodór Dostoievski foi, primeiramente, publicado como folhetim em uma revista russa, durante o ano de 1866, para só no ano seguinte ser publicado como um livro (ALVIM, 2008). No Brasil, o primeiro folhetim publicado foi *O Capitão Paulo*, tradução de *Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, publicado em 1838 na França, e no mesmo ano no carioca *Jornal do Commercio* (SALES, 2009). Exemplos de textos nacionais que foram feitos a princípio para serem publicados como folhetins e só depois acabaram ganhando edições como livros e romances são *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, *A mão e a luva*, de Machado de Assis, e *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. *Os Sertões* de Euclides da Cunha também é um exemplo, pois começou como uma série de reportagens para o jornal *O Estado de São Paulo* sobre a Guerra de Canudos, se transformando em livro algum tempo depois.

A imprensa chegou ao Brasil no início do século XIX, com a vinda da Família Real para cá. A partir de então, os periódicos passaram a fazer parte da vida cotidiana dos brasileiros como meios de transmissão de informação e conhecimento. O jornal também era considerado um meio de entretenimento e difusão de cultura (SALES, 2009). Muitos dos locais mais afastados dos centros culturais do país tinham acesso aos produtos culturais dessas regiões por meio deles. O preço baixo dos jornais ajudou na sua popularização, facilitando o desenvolvimento do hábito de leitura nos brasileiros.

Deste modo, o jornal surgiu e adquiriu importância, não apenas pelas circunstâncias políticas, mas pela notabilidade como instrumento de veiculação da literatura, alcançando um público mais amplo, que não ficaria restrito apenas à leitura de livros para o conhecimento de uma produção literária. Graças ao seu baixo custo, o jornal possibilitou uma maior interação entre o leitor e o texto impresso, convertendo-se num meio de divulgação literária, alcançando dimensão e proporção significativas para o estreitamento das relações entre leitor e leitura. (SALES, 2009, p.45)

O sucesso que os folhetins alcançaram fez com que eles se tornassem uma boa opção para os escritores que queriam divulgar e dar projeção ao seu trabalho. Começaram a surgir,

então, publicações exclusivamente literárias. O advento do formato impresso “revista” permitiu que alguns periódicos passassem a se especializar em determinados temas e assuntos, como foi o caso do periódico literário semanal *Beija-Flor*, que circulou por praticamente cem anos, na segunda metade do século XIX e início do XX (SALES, 2009).

Analisemos agora a relação da literatura marginal com a imprensa. O marco inicial da literatura marginal, enquanto um movimento literário representativo de uma coletividade, foi, como dissemos, a publicação do Ato I da edição especial da revista *Caros Amigos* em 2001. Depois de mais dois “Atos” publicados em menos de cinco anos, foi feita uma compilação de alguns textos que estavam presentes nestas três edições, e transformado em livro (FERREZ, 2005). Pode-se comparar o caminho percorrido por esses textos com a trajetória dos folhetins. Chegavam ao público primeiro através da publicação periódica para mais tarde ganhar edições como livros. A principal diferença era que nos folhetins a história tinha continuidade, se tornando, depois, um romance. Já os textos da literatura marginal são contos, crônicas e poemas, sem continuidade, que foram reunidos em uma coletânea. Assim como no século XIX, a imprensa serviu, novamente, como forma de propagação da literatura – e do hábito da leitura – e de seus escritores, abrindo as portas do mercado editorial.

Se considerarmos os veículos de comunicação e informação em geral, e não apenas as publicações periódicas impressas, como jornais e revistas, percebemos que essa relação cresce ainda mais. A presença dos escritores em outras formas de mídia (muitos deles fazem participações em programas de televisão e/ou possuem *blogs* e *sites*) é fundamental para a divulgação de seus trabalhos, pois ajuda a atingir um público ainda maior do que apenas os leitores dos impressos. Portanto, conclui-se que a imprensa teve uma importância fundamental para o movimento da literatura marginal, ajudando a propagá-la e a consolidá-la como produto cultural.

## 1.2 LITERATURA DOS EXCLUÍDOS

Os textos da literatura marginal não foram os primeiros a fazer com que as temáticas periféricas aparecessem no mundo da literatura. Existem muitas obras na história da literatura brasileira cujo enredo se passa em ambientes precários e insalubres que falam sobre a situação de miséria e exclusão social pela qual algumas pessoas passam, e sobre as suas disfunções sociais, ou então obras em que os personagens principais são os pobres, os negros, os marginais, etc. É a literatura dos excluídos. Por serem aspectos tão presentes em nossa sociedade, temas como o preconceito, a desigualdade social, a exclusão, a violência e até mesmo a escravidão – uma memória ainda bem recente para o país, em termos históricos – se tornaram um prato cheio de inspiração para os escritores.

O baiano Jorge Amado deve ter aproveitado essa inspiração quando escreveu em 1937 um romance sobre a vida de um grupo de crianças moradoras de rua em Salvador, que praticam atos de delinquência pela cidade, contando a história do ponto de vista delas. O livro *Capitães da areia* mostra um pouco da desigualdade existente na sociedade da capital baiana da época, do mundo cheio de violência e crueldade de quem mora nas ruas e da situação de vulnerabilidade em que essas crianças se encontram, sendo marginalizadas e excluídas da vida cotidiana da cidade, que parece cada vez mais não abrir espaço para elas.

Representantes de uma classe excluída, indesejada na construção dessa cidade que procura asseptizar os seus espaços e os seus cidadãos, os meninos de Salvador – e os milhares de brasileiros que se assemelham a eles – sentem a angústia da sua própria volatilidade na cidade. Indesejados, negados, ignorados, precisam extravasar essa amargura que não sabem bem de onde vem. (KUSTER, 2013, p.94)

Antes disso, em 1890, o também nordestino Aluísio de Azevedo<sup>4</sup> já havia publicado um livro que tratava de um aspecto importantíssimo da marginalização: a moradia. O enredo de *O Cortiço* se desenrola juntamente com o crescimento da infra estrutura de um cortiço no bairro Botafogo, no Rio de Janeiro, onde vivem as principais personagens da história.

Cortiços são conjuntos de pequenas habitações nos quais os moradores dividem alguns lugares em comum, tal como o pátio ou o quintal, e em alguns casos, até os banheiros. Possuem algumas características em comum com as favelas. São moradias de baixo custo

---

<sup>4</sup> O autor consagrado se misturava à população que vivia nos cortiços para criar os seus personagens e dar-lhes um caráter de “verdade”.

com um número grande de moradores em um pequeno espaço, e são resultado do crescimento desordenado que é comum às grandes cidades e, geralmente, costumam ser ocupados por pessoas de baixa renda.

*O Cortiço* mostra a ganância do português dono das habitações, que ascende financeiramente devido ao lucro de sua vendinha e da exploração dos moradores para quem ele aluga as moradias. Ele fala sobre desigualdade social e escravidão, pois uma das personagens é uma ex-escrava. No livro, o cortiço não é apenas o lugar de morada dos personagens, mas é também ele próprio um personagem, pois as relações entre os vizinhos e os acontecimentos que se passam ali também são importante parte da história (KUSTER, 2013).

João Antônio, escritor e jornalista que viveu durante o século XX, ficou conhecido por retratar em suas obras o “submundo da marginalidade”, do proletariado e da periferia. Ele é citado por muitos autores da literatura marginal como uma grande influência. Plínio Marcos, escritor e autor de peças de teatro, é lembrado como influência para a literatura marginal, pois tanto suas peças como seus textos literários eram permeados pelo tema da marginalidade. Carolina Maria de Jesus, escritora mineira, escreveu em 1960 o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, onde conta o dia-a-dia de uma moradora de uma comunidade pobre na cidade de São Paulo. Além de ser mais um nome na lista de influências da literatura marginal, o trabalho de Carolina também tem importância por ser considerado um marco na literatura feminina (outro fator de opressão e marginalização social: ser mulher).

Machado de Assis, um importante nome da literatura brasileira, era neto de escravos por parte de pai e abordou a escravidão em alguns de seus escritos. O poema *Sabina*, de 1875, e o conto *Pai contra mãe*, publicado em 1906, são exemplos de trabalhos do autor que falam sobre os negros e a escravidão, de uma perspectiva afro-brasileira (DUARTE, 2008). Machado criava em suas histórias fortes personagens femininas, dando papel de destaque às mulheres em algumas de suas obras, como se desse fala aos oprimidos. Lima Barreto também foi um renomado escritor que abordou em seu trabalho temáticas dos excluídos. Ele é considerado um dos precursores da chamada literatura negra.

A literatura negra é caracterizada, de acordo com Duarte (2008), por aspectos semelhantes aos que caracterizam e definem a literatura marginal (L.M.): 1) a temática – o negro é o principal tema, assim como na L.M., o sujeito periférico e suas vivências são os temas centrais; 2) a autoria – o autor é afro-brasileiro, do mesmo jeito que os autores da L.M. também vivenciaram a marginalidade de algum modo; 3) o ponto de vista – não basta ser

negro e falar sobre negros, é preciso assumir uma perspectiva e uma visão de mundo que se identifica com a da história dos negros no país, é uma questão de “se afirmar e se querer negro”, da mesma maneira que existe a autoafirmação como marginal por parte dos escritores da L.M.; 4) a linguagem – possui uma discursividade específica, marcada por expressões e vocabulários próprios; 5) o público leitor – o público alvo são os afro-brasileiros, da mesma maneira que muitas das produções da L.M. tem como objetivo alcançar as pessoas da própria periferia. Por isso, a literatura negra é uma literatura que possui um “caráter muitas vezes marginal”, pois é fundamentada “na diferença que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da historiografia literária canônica”, dando destaque àqueles que se encontravam “excluídos do mundo das letras e da própria civilização” (DUARTE, 2008).

É possível concluir, então, que as temáticas dos excluídos e marginalizados da sociedade sempre tiveram certo apelo no mundo literário, sendo abordadas por diversos autores, sob diferentes óticas e em diversos contextos e épocas no país. A diferença é que, assim como o conceito de literatura negra apresentada aqui, a literatura marginal, por ter alguns atributos que ajudam a lhe definir, pôde ser considerada um movimento literário com características e especificações próprias.

### 1.3. REVISTA CAROS AMIGOS – EDIÇÃO ESPECIAL LITERATURA MARGINAL

A revista *Caros Amigos* é uma publicação assumidamente de esquerda e que pratica um jornalismo independente, de acordo com Câmara (2002), e alternativo, na concepção de Zibordi (2004). Suas edições especiais derivam de assuntos que foram abordados em alguma das publicações mensais e que, talvez pela repercussão que tenham causado ou pelo interesse daqueles que produzem a revista, acabam sendo escolhidas para receberem tratamento mais aprofundado.

As três edições especiais “Literatura marginal – a cultura da periferia”, os atos I, II e III, foram organizadas pelo então colunista da revista Ferréz. Ele escreveu o editorial dos três atos<sup>5</sup> e fez seleção dos textos que seriam publicados. As três edições têm o formato tradicional da revista, 27 x 33 centímetros (ZIBORDI, 2004) e receberam o subtítulo de “ato”, como se elas fossem um manifesto.

São três atos de um manifesto da cultura periférica, incrementados pela presença de ilustrações com traços semelhantes aos do *graffiti*, e que foram feitas, em sua maioria, pelos artistas South e Leprechaum. São cerca de 45 autores divididos entre as três publicações, entre os gêneros poema, conto, prosa, carta, crônica e até reportagem (ZIBORDI, 2004). Para Marcos Zibordi (2004), a publicação literária em revista possui algumas vantagens em relação aos livros, pois é mais barata, mais atrativa visualmente e também mais acessível, pois se encontra logo ali, nas bancas de jornais, ao lado das revistas em quadrinhos.

O exemplar barato (R\$4,90 e R\$5,50 em 2001 e 2002, respectivamente) primeiro atrai pelo visual colorido da revista ao mesmo tempo em que não impõe, ou melhor, não se apresenta com ainda certa aura de respeitabilidade e elevada polidez que tem o livro. O fato de estar exposto para venda em banca também aproxima, populariza a literatura em formato de revista, que tem estreita relação com revistas em quadrinhos - está na mesma prateleira, às vezes ao lado, elas também uma forma de veiculação da literatura vinculada ao grafismo. (ZIBORDI, 2004, p.83)

As informações de Zibordi sobre a revista podem ser confirmadas em cinco momentos da revista que se encontram nos anexos. Os exemplares são a prova material de como a cultura da periferia dialogou esteticamente com o projeto gráfico da revista *Caros Amigos*, a qual, por sua vez, se mostrou aberta a esse tipo de diálogo e/ou “influência”.

---

<sup>5</sup> Os editoriais das três edições estão anexados ao fim do trabalho.

Como exemplo da mudança provocada por este diálogo, o leitor encontrará ilustrações com a estética *hip-hop* do *graffiti* no lugar de fotografias. Essa estética influencia também a forma como os títulos dos textos são apresentados, também procurando reproduzir a grafia de quem “escreve” nos muros de centros urbanos.

## 2. A CULTURA DA PERIFERIA

A periferia<sup>6</sup> sempre foi culturalmente relevante para o nosso país. De acordo com Salles (2004), ela oferece um ingrediente importante ao cenário cultural brasileiro, pois é um espaço de significativa produção de bens simbólicos que tem a capacidade de representar minorias da sociedade que, na verdade, quando juntas formam a maioria de nós, brasileiros. Do samba ao funk, a periferia nos deu produtos culturais – muitos destes vistos sob um ponto de vista estereotipado - que, além de terem sido incorporados pela população em geral, são, muitas vezes, as imagens que nos representam lá no exterior, tal como o malandro cheio de suíngue que gosta de samba e futebol.

A produção musical é um forte marco da criatividade periférica e, arrisco dizer, é o seu produto que mais teve inserção – e aceitação – nas classes média e alta do país. Para Freitas (2009), desde antigamente, os mais endinheirados subiam os morros para frequentar as rodas de samba porque “eram atraídos pelo fervilhamento de cultura e criatividade, intensificado desde os anos 20 na produção musical de sambistas famosos como Sinhô, Casquinha e Donga, que (...) colocavam a favela no centro de algumas composições” (FREITAS, 2009). Foi quando o samba começou a fazer sucesso, levando os sambistas à fama, e este gênero musical às elites.

O *funk*, alvo de muitas críticas e, por vezes, considerado um “subproduto musical” de baixa qualidade, também, de algum modo, conseguiu atingir outros ambientes, que não os moradores da periferia. É um tipo de música bastante tocado em festas, devido ao seu ritmo e sua batida dançante – independente de qual classe seja o público frequentador do evento. Os bailes funks, festas muito famosas nas comunidades e que em 1992 foram proibidas pelo governo da cidade do Rio de Janeiro, eram bastante frequentados por pessoas “do asfalto” (FREITAS, 2009), o que mostra que, mesmo que esse estilo musical não tenha ganhado o prestígio e o reconhecimento do samba, ainda sim teve um certo grau de aceitação entre a sociedade.

---

<sup>6</sup> Como anunciado na introdução, tomamos como referência o eixo Rio-São Paulo para exemplificar o que chamamos de manifestações culturais periféricas. Temos consciência tanto da força quanto da existência de produções culturais fora do meio urbano. No entanto, este trabalho se dedica, por sua especificidade (a revista *Caros Amigos*), à cultura da periferia urbana.

A cultura do *hip-hop* chegou ao Brasil na década de 70, importada dos Estados Unidos, e fez incrível sucesso entre os integrantes das periferias e favelas. Adaptado ao contexto brasileiro, o caráter de resistência do *hip-hop* (o teor de questionamento político e social, de luta racial e contra a desigualdade, de autoafirmação do negro/pobre/marginalizado na sociedade) conquistou, principalmente, os jovens mais pobres. Ela é constituída pelos seguintes elementos: o *rap* (música), o *rapper* ou *MC* (o cantor), o *DJ* (responsável pelas batidas e mixagens das músicas), o *graffiti* (arte gráfica de rua) o *break* (dança) e o *b-boy* (dançarino) (MIRANDA, 2011). Ou seja, é uma combinação de variadas formas de manifestações artísticas e culturais, como dança, música, arte visual, composição, etc., que tem por trás um ideal sociopolítico. O *graffiti*, de um tempo para cá, ganhou alta valorização no mundo das artes plásticas e passou a ocupar espaços em galerias de arte, atingindo altos preços no mercado, indo além das paredes e muros das áreas urbanas que, inicialmente, eram as “telas” gratuitas dos “desenhos”.

O *rap* também transpôs os limites da marginalidade e conseguiu ser bem sucedido entre a população “do centro”, não marginalizada. Entretanto, acredito que esse sucesso traga com ele certa contradição, pois a característica que considero ser a mais marcante deste gênero musical é sua crítica ao sistema, a agressividade de suas letras que, por vezes, ataca a classe média e burguesa – a população do “centro”. Assim como acontece com a literatura marginal, os artistas (e os escritores) falam em nome dos favelados – para o resto da sociedade – e para os favelados – com o intuito de conscientizá-los sobre a questão sociopolítica que eles defendem. O sucesso que esses produtos da periferia obtêm fora dela, na “cena cultural tradicional”, é bastante importante para a sua sobrevivência, e inclusive a sobrevivência do próprio artista que, afinal de contas, depende financeiramente do retorno de sua obra. Mas este não é o seu objetivo principal, pois o foco dessas produções é, na maioria dos casos, a própria comunidade periférica:

(...) qual que é a fita? (...) de um lado cantores, dançarinos, grafiteiros, *dj's* e escritores ultrapassam a margem da periferia e conquistam consumidores nas classes médias e até altas (...) de outro lado, procuram reafirmar a identidade geográfico-social incentivando iniciativas (festas, discos, publicações) que possam ser revertidas ou realizadas de dentro e para a população da periferia, inclusive distinguindo e demarcando bem quem não é bem vindo em cada ocasião. (ZIBORDI, 2004, p.79)

Saindo um pouco do eixo São Paulo – Rio de Janeiro, que são as principais regiões que ambientam as iniciativas culturais citadas até agora, temos outros tipos de culturas

periféricas, provenientes de outros estados e regiões. Peguemos como exemplo Pernambuco, cuja capital, Recife, possui uma periferia culturalmente borbulhante, na área da música, especialmente, desde quando lançou Chico Science e Nação Zumbi e o seu *manguebeat* para o resto do país e, pode-se dizer, até do mundo. Atualmente, nessa região, existe um cenário musical independente e popular bastante forte, porém parece que ele não é tão conhecido quanto o cenário do Rio ou de São Paulo por falta do que aparece no trabalho de Tommasi (2013) como curadores: pessoas que “descobrem” os artistas e ajudam-nos a projetar o seu trabalho, e a si mesmos, na cena cultural do local.

Mas não é só de música que a cultura periférica é composta. Ainda de acordo com Tommasi, o teatro de rua também é uma manifestação cultural de grande importância em Recife. Voltando para região sudeste, nos territórios paulista e carioca, é possível encontrar, nas comunidades, iniciativas culturais de diversas ordens. Cursos de atuação, de produções audiovisuais, oficinas de resgate de elementos da cultura negra, como a capoeira (bastante forte na Bahia, também), etc. Muitas organizações não governamentais (ONG's) possuem trabalhos nas periferias que incentivam a leitura ou a prática de outras atividades, estimulando, principalmente nas crianças, adolescentes e jovens, o interesse pela cultura, com o objetivo social de tentar distanciá-los das drogas, do tráfico e da violência, tentando dissociar as periferias, morros e favelas de suas interpretações negativas, ao atribuir-lhes o caráter de agentes culturais.

Aos que acreditaram na ideia de que existe uma cultura que está construindo, estamos aí, fortificando a desobediência, fazendo arte dentro da carência, e mais uma vez provando, para quem duvidou, que não precisamos de cultura na periferia, precisamos de cultura de periferia. (FERRÉZ, 2004)

## 2.1 A PRESENÇA DA CULTURA DA PERIFERIA NA MÍDIA

Podemos observar a presença da cultura da periferia nas mídias de três modos: a) produtos midiáticos, como programas de televisão e filmes, que abordam temáticas periféricas e que são produzidos pelas empresas de comunicação e entretenimento, que não estão inseridas no ambiente marginal; b) notícias sobre as iniciativas culturais da periferia veiculadas pelos meios de comunicação, como uma forma de “mídia espontânea”; c) presença dos atores culturais periféricos – escritores, *rappers*, *DJ's*, atores e atrizes, dançarinos, etc. – na mídia, sejam as mídias tradicionais, impresso, rádio ou TV, ou as novas mídias, como os blogs e as redes sociais na internet.

No primeiro caso (a), a representação da periferia é feita por terceiros, pessoas que, muitas vezes, não estão inseridas na realidade com a qual estão trabalhando. Isso não é, necessariamente, uma coisa ruim, mas, em alguns casos, pode resultar em perpetuações de estereótipos, por vezes negativos e até equivocados da periferia. É o ponto de vista das classes mais altas sobre as mais baixas que, não raramente, costumam ser carregados de significado simbólico. É o caso das novelas globais que costumam sempre ter um núcleo mais pobre, secundário na história, e constituído, em sua maioria, por negros.

Outros exemplos de produções que podem ser encaixadas nesse caso são as séries de televisão, como *Antônia*, exibida pela Rede Globo nos anos de 2006 e 2007. A série é um desdobramento do filme, de mesmo nome, também de 2006. Ela conta a história de quatro amigas da periferia da Zona Norte da cidade de São Paulo que lutam para seguir o seu sonho de conseguir uma carreira no mundo musical. Para isso, as moças enfrentam situações de violência, de machismo e outras dificuldades. Negra Li e Leilah Moreno, duas cantoras bem sucedidas na cena musical periférica, faziam parte do elenco. *Antônia* também contou com a atuação do *rapper* Thaíde.

*Cidade do Homens*, também televisionada pela Rede Globo, ao contrário do exemplo dado anterior, apareceu primeiro como série, em 2002 (durando até 2005), para depois virar filme em 2007. Ela contava a história de vida de Acerola e Laranjinha, dois adolescentes cariocas oriundos da favela, que tinham que lidar com os dramas da juventude, o preconceito, a violência urbana e até mesmo o tráfico de drogas. Para citar um exemplo de outra emissora, a Record, durante dois anos (2002-2004), exibiu o programa *Turma do Gueto*. Tendo como

cenário as favelas paulistas, o seriado contava a história de um grupo de estudantes de uma escola pública, que também lidavam, diariamente, com a questão das drogas, da violência e do preconceito.

Os três exemplos citados alcançaram sucesso e obtiveram índices consideráveis de audiência durante o tempo em que estiveram no ar. Entretanto podemos notar os estereótipos e “lugares comuns” que existiam nessas produções: a periferia como lugar violento, onde os jovens acabam se envolvendo com as drogas, com o tráfico e com a violência, etc.

É o sistema hegemônico mostrando a periferia tal como ele a enxerga e entende. “Para aprender a explorar formas e recursos narrativos capazes de mostrar a periferia “na real”, o sistema hegemônico necessita acionar de outro jeito sua própria engrenagem, o que exige diálogo, negociações, experimentações também no interior de sua estrutura” (FREITAS, 2009). Foi o que a Rede Globo fez, em 2006, para criar o programa *Central da Periferia*, apresentado por Regina Casé, que mostrava a realidade das periferias de sete capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belém. Setorizou a sua produção para um núcleo específico, que lidava com linguagens, formatos e temáticas inovadoras (se comparados com a do resto dos programas do canal) e que contava com a colaboração de antropólogos na produção e direção. Depois a Rede Globo fechou uma parceria com uma produtora de fora, a Pindorama Filmes, para adaptar o programa e transformá-lo em um quadro dentro do *Fantástico*, chamado *Minha periferia*. Essa atitude “é um indicativo de que, mesmo dispondo de um núcleo interno de experimentações, a TV Globo não possuía *know how* para ver e exibir a periferia sem os estereótipos habituais de sua programação” (FREITAS, 2009, p.45).

Passemos agora para o segundo caso (b) da presença da cultura da periferia na mídia: a “mídia espontânea”. A vida cultural da periferia virou notícia e, por muitas vezes, pauta os meios de comunicação. As ações das ONG’s e dos coletivos culturais das comunidades, as apresentações dos grupos de teatro, os lançamentos dos livros da literatura marginal, e até mesmo as agendas culturais, contendo as datas e horários das rodas de samba, das batalhas de hip-hop, entre outros, viram notícia para os veículos tradicionais de informação, divulgando o que a periferia está produzindo e convidando as pessoas a participarem e conhecerem.

A seguir, trago três exemplos de como a cultura da periferia e suas produções pautaram a mídia.



Não só os veículos de informação noticiaram sobre as iniciativas culturais periféricas, como também dedicaram um espaço considerável a isso, como é possível perceber nos dois primeiros casos. As produções “fundamentadas na vivência do lugar de fala marginalizado, requerem a visibilidade midiática para ingressar em outros níveis de existência e reconhecimento, necessários à sua eficácia até mesmo enquanto produto cultural se for este o caso” (FREITAS, 2009, p.44).

Falta falar agora sobre a terceira forma (c) de a cultura marginal estar na mídia: através da presença dos atores culturais periféricos. *Rappers* que são convidados para programas de entrevistas, *rappers* que possuem programas de entrevistas, escritores que possuem colunas periódicas em jornais renomados ou que foram convidados uma ou outra vez a atuarem como colunista, programas pautados, apresentados e produzidos pela periferia, etc., são algumas formas dessa inserção nas mídias tradicionais.

O programa *Manos e Minas*, veiculado pela TV Cultura desde 2008, é um exemplo disso. Originado do quadro *Mano a Mano* do programa *Metrópoles*, também da TV Cultura, o *Manos e Minas* trata de questões de interesse da periferia, tendo os jovens como público alvo. A música é um importante elemento do programa, que aborda todos os elementos da cultura *hip-hop*: o *rap*, o *break*, o *bboy*, o MC, o *DJ* e o *graffiti*. Os *rappers* Rappin Hood e Thaíde já foram apresentadores do show, e atualmente, essa função é cumprida pelo também *rapper* Max B.O. Ferréz já participou do programa com um quadro de entrevistas chamado *Inteferência*, e Alessandro Buzzo também, com o quadro *Buzão Circular Periférico*, no qual ele fazia passeios culturais pelas periferias de São Paulo, usando o ônibus como meio de transporte. O estúdio é em formato de auditório e o público formado por estudantes de escolas públicas e centros comunitários paulistas (BOTOSSO, 2009),

“O universo do jovem da periferia e o resgate de histórias da cultura brasileira e internacional são marcas registradas do programa *Manos e Minas* (...) *Manos e Minas* surge para cobrir uma lacuna na TV aberta, ainda carente de programas que falem diretamente com o jovem de periferia, protagonizados por eles mesmos.” (BOTOSSO, 2009, p.15)

Ainda dentro da mídia tradicional, temos alguns escritores da literatura marginal marcando presença, como Ferréz e Sacolinha, que já contribuíram com textos para renomadas publicações impressas. Folha de São Paulo, Estadão e a revista *Época*, no caso deste, e Folha de São Paulo e a revista *Trip*, no caso daquele.

Entretanto, esse não foi o único modo que a cultura marginal encontrou para se mostrar por aí. A internet é uma mídia que pode ser considerada bem democrática, e que possibilitou que aqueles que eram apenas receptores se tornem também produtores da informação. Então, se antes era necessário atingir certo reconhecimento enquanto agente cultural da periferia para poder representá-la nos meios de comunicação, hoje basta que você tenha acesso a alguns aparelhos tecnológicos – câmeras, gravadores, celulares, computadores, etc. – para que você possa postar seus textos em um blog, colocar seus vídeos e músicas no *Youtube* ou então divulgar seu trabalho nas redes sociais. A “periferia não precisa mais do centro para se comunicar” (VIANNA, 2006, p.01).

“Mpx”, sms, câmera digital, rádio digital, internet etc., contidos às vezes em um único equipamento, incutiram mais do que novas siglas no vocabulário de faxineiros, porteiros, *motoboys*, auxiliar de escritório, empregadas domésticas. Tornaram familiar um conjunto de tecnologias e linguagens da comunicação, geraram uma espécie de perda da aura de “segredo do gigante” em torno do “saber fazer” da mídia. Proliferaram as filmagens amadoras, as gravações caseiras dos sem-gravadora e sem acesso às grandes rádios. (FREITAS, 2009, p.43)

As ONG’s, os coletivos e os projetos sociais que possuem iniciativas culturais junto às periferias encontraram na internet uma plataforma gratuita de divulgação. A maioria dessas instituições está incluída na mídia livre que é a *web*, com sites e blogs. A ONG *Favela é isso aí* (<http://www.favelaeissoai.com.br>) é uma associação de Belo Horizonte que tem por objetivo “proporcionar a construção da cidadania a partir do apoio e divulgação das ações de arte e cultura da periferia”. Em seu site é possível saber mais sobre o projeto e seus parceiros, conhecer “lugares legais” para sair nas periferias da capital mineira, e conhecer – e obter o contato de – artistas, todos oriundos das margens, das mais diversas áreas, desde as artes visuais, até música. Há ainda links para galerias de imagens, vídeos e áudios, e também para os informativos da ONG, o *Jornal Favela é isso aí*.

O *Periferia em movimento* é um coletivo de comunicação composto por jovens da Zona Sul da cidade de São Paulo, que pratica o jornalismo “para e a partir da periferia”. No seu blog, <https://periferiaemmovimento.wordpress.com/>, pode-se encontrar as reportagens e entrevistas feitas por eles e uma compilação de vídeos de canais do *Youtube* que casam com a temática do site. Essa seção é chamada “TV Perifa”. Outro exemplo de apropriação das ferramentas da *web* como forma de propagação da cultura da periferia, é o *Agenda Cultural da Periferia* (<http://www.agendadaperiferia.org.br/>). É um portal com uma agenda virtual das programações culturais das comunidades periféricas da região de São Paulo. Lá eles

divulgam eventos de *hip-hop*, de samba, de teatro, de literatura, de formação cultural, entre outros. Basta clicar na seção de seu interesse, e vai aparecer uma lista de atividades culturais do mês, com descrição, data, hora, local e como que faz para participar. É possível também enviar o seu evento para o site, para que ele apareça na lista de atividades oferecidas. O *Agenda Cultural da Periferia* é uma iniciativa da ONG *Educação Coletiva*.

## 2.2 A LITERATURA MARGINAL COMO EXPRESSÃO DA CULTURA DA PERIFERIA

A literatura marginal é um tipo de fazer literário que se utiliza das vivências do espaço periférico como inspiração para seus textos. Sendo assim, ela assume o caráter de voz coletiva, com representatividade dos outros indivíduos que compartilham as experiências deste ambiente, e por isso ela pode ser considerada uma manifestação legítima da cultura da periferia.

Assim como o estilo musical *rap*, a L.M. aborda temas fundamentais sobre a identidade do sujeito periférico: a questão racial, a consciência negra, a desigualdade social, a dificuldade de acesso a bens materiais e simbólicos, a violência, o preconceito, a exclusão, etc. As palavras que Emerson da Cruz Inácio usa para falar sobre o *rap* poderiam ser aplicadas, perfeitamente, à literatura marginal: “considera-se, aqui, que o rap – fenômeno cultural, estético e expressão poética – também é um veículo ideológico a serviço de uma concepção específica de mundo, revelando-se como uma intensa teia de sentidos” (INÁCIO, 2008).

Outra expressão cultural periférica que anda lado a lado com a literatura marginal são os saraus da periferia. Os saraus são eventos nos quais as pessoas se reúnem para declamar textos, próprios ou não, para o público (TENNINA, 2013). É a expressão oral da literatura e um incentivo à prática da leitura e da escrita entre os moradores das comunidades. É também uma forma de ocupar e ressignificar um ambiente que, por vezes, assume uma conotação negativa: o bar. Com a organização dos saraus, o bar passa de ambiente de alcoolismo e até mesmo brigas para centro cultural. Bairros periféricos da capital paulista como o Capão Redondo, Brasilândia e Campo Limpo, conhecidos pela violência, ganharam reconhecimento em toda a cidade (e mais tarde, em todo o país) pelos seus saraus: “Sarau da Vila Fundão”, “Sarau Poesia na Brasa” e “Sarau do Binho”, respectivamente (Idem, 2013).

Em entrevista a Tennina (2013), Vaz afirma que por falta de espaços coletivos de caráter social e cultural, o bar acaba virando o ponto de encontro que sobra ao pessoal, e que por isso é esse o espaço que eles devem ocupar.

O espaço que o Estado deixou para nós é o bar, aqui não tem museu, não tem teatro, não tem cinema, não tem lugar para se reunir, e o bar é o nosso centro cultural, onde as pessoas se reúnem para discutir os problemas do bairro,

aonde as pessoas vêm se reunir depois do trabalho, onde as pessoas se reúnem quando vai jogar bola, ou quando é um aniversário, se reúnem para ouvir e tocar samba, então o bar é a nossa ágora, a nossa assembleia, o nosso teatro, tudo, a única coisa que o Estado deixou para nós foi o bar, então a gente ocupou o bar. É só isso o que a gente tem, então, é isso o que vamos transformar. (VAZ, in TENNINA, 2013, p.12)

Portanto, a literatura marginal, além de ser uma manifestação cultural da periferia de dentro de um campo do qual a margem sempre esteve distante, o da nobre arte da escrita, é também uma forma de ocupar a própria periferia, incentivando a vida comunitária, a coletividade e a apropriação dos meios culturais para expressar as subjetividades encontradas nas periferias urbanas. São os mutirões da palavra (RODRIGUEZ, 2003), escrita ou falada, ressignificando o “existir” dentro das comunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que se houve um aumento da presença da cultura da periferia na mídia, é porque também houve um aumento na demanda por produtos culturais com essa temática. Desde a década de 90, vem se percebendo uma abertura maior dos meios de comunicação tradicionais (que são controlados, majoritariamente, por pessoas das classes A e B e pelos seus gostos) para os marginalizados periféricos - ainda que, muitas vezes, seja com uma representação estereotipada, como no caso do programa *Esquentar!* da Rede Globo, por exemplo.

A internet, com sua característica de “mídia livre”, que possibilita que qualquer um vire o emissor de mensagens e informação, e o advento de aparatos tecnológicos, que popularizam as técnicas de produção (o “saber fazer”), abriram as portas do mundo comunicacional para aqueles que antes precisavam da legitimação da mídia para “aparecer”. Assim, talvez possam falar por si próprios, através de sites, blogs, canais de vídeos e músicas, entre outros, tendo a oportunidade de mostrar ao mundo o trabalho que vem sendo realizado por eles e conseguindo também a chance de pautar a mídia, visto que, várias vezes, a produção cultural periférica virou notícia nos jornais e revistas do país.

Gostaria de salientar que este é apenas um estudo de caso preliminar sobre as relações da nova literatura marginal com a imprensa (a partir das edições especiais da revista *Caros Amigos*). Portanto, não pode ser tomado como uma leitura totalizante tanto do que chamamos de produção cultural da periferia urbana ou das demais manifestações culturais de grupos considerados subalternos.

A literatura marginal é uma manifestação da cultura da periferia urbana que reflete a presença dos marginalizados em outro campo considerado ainda mais elitizado: o campo intelectual. A apropriação da palavra foi feita por eles como forma de expressar a identidade periférica e, até mesmo, como um novo jeito de existir na sociedade enquanto indivíduo oriundo da margem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Luíza Os jornais, o romance e o folhetim. UFF. 2008.

BOTOSSO, Tatiane Cavalcante de Oliveira. *Programa Manos e Minas: da periferia para a televisão*. Trabalho de conclusão do curso (pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura). Universidade de São Paulo. 2009.

CÂMARA, Marcelo Barbosa. O jornalismo independente de Caros Amigos: um processo de contra-hegemonia. **Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política**. PUC-SP. 2002.

*Caros Amigos Especial*. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato I. São Paulo, agosto de 2001.

*Caros Amigos Especial*. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato II. São Paulo, julho de 2002.

*Caros Amigos Especial*. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato III. São Paulo, abril de 2004.

Da redação. A cultura da periferia pulsa em coletivos e ganha espaço na rede. **Site da Rede Globo – Programa Ação**. 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/07/cultura-da-periferia-pulsa-em-coletivos-e-ganha-espaco-na-rede.html>>. Acessado em 16 de maio de 2014.

Da redação. Ex-detento descreve em livro a rotina da violência. **Site do jornal Estadão**. 2001. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ex-detento-descreve-em-livro-a-rotina-da-violencia,20010221p3317>. Acessado em 23 de junho de 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n31, p. 11-23, 2008.

ESLAVA, Fernando Villarraga. Literata marginal: o assalto ao poder da escrita. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n24, p. 35-51, 2004.

FERRÉZ. **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. São Paulo: Agir, 2005. 132 p.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. A cultura na (da) periferia e a periferia na (da) mídia. **Políticas Culturais em Revista**, n2 , p. 34-49, 2009.

HOLLANDA, Heloísa. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70**. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.

Jornal Correio Paulista. 06 de dezembro de 2013, n1111. Versão online. Disponível em: <<http://issuu.com/correiopaulista/docs/cp1111/12>>. Acessado em 20 de junho de 2014.

KUSTER, Eliana. Moradores de cortiço, capitães de areia e cobradores urbanos: personagens excluídos da construção da ordem social. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n24, p. 79-102, 2013.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA, André. Da literatura para o jornal. **Site do jornal O Globo**. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/da-literatura-para-jornal-5591679>>. Acessado em: 02 de julho de 2014.

MIRANDA, Waldilene Silva. Diálogos possíveis: do rap à literatura marginal. **DARANDINA revista eletrônica**. Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF, n1, 18p, 2011.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *“Literatura marginal”*: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39. 2011.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. Mutirões da palavra: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n22, p. 47-61, 2003.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins; uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces**, UFPA, p.44-56, 2007.

SALLES, Ecio de. A narrativa insurgente do hip-hop. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n24, p. 89-109, 2004.

TENNINA, Lúcia. Saraus da periferia de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n42, p. 11-28, 2013.

TOMMASI, Livia de. Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. **Política & Sociedade**. Florianópolis, n23, p. 11-34, 2013.

VIANNA, Hermano. Central da periferia – texto de divulgação. Publicado pela TV Globo como anúncio em vários jornais brasileiros, 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/central-da-periferia-texto-de-divulgacao>> Acessado em 14 de maio de 2014.

ZIBORDI, Marcos. *Jornalismo alternativo e literatura marginal em Caros Amigos*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Federal do Paraná, 2004.

\_\_\_\_\_. Literatura marginal em revista. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n24, p. 69-88, 2004.

## Sites

<http://ferrez.blogspot.com.br>

<http://www.escritorferrez.com.br>

<http://www.favelaeissoai.com.br/>

<http://buzo10.blogspot.com.br/>

<https://periferiaemmovimento.wordpress.com/>

<http://www.agendadaperiferia.org.br/>

**Bibliografia recomendada:**

Literatura marginal: tradição. Programa O mundo da literatura. Produção Ricardo Soares. São Paulo, Rede STV, 2003. Disponível em <<http://tal.tv/video/literatura-marginal-tradicao/>> Acessado em 05 de maio de 2014.

Literatura marginal: discurso. Programa O mundo da literatura. Produção Ricardo Soares. São Paulo, Rede STV, 2003. Disponível em <<http://tal.tv/video/literatura-marginal-discurso/>> Acessado em 05 de maio de 2014.

Literatura marginal: poesia. Programa O mundo da literatura. Produção Ricardo Soares. São Paulo, Rede STV, 2003. Disponível em <<http://tal.tv/video/literatura-marginal-poesia/>> Acessado em 05 de maio de 2014.

## **ANEXOS**

### **ANEXO 1 – Editorial Caros Amigos – edição especial literatura marginal (Ato I – 2001)**

#### **Manifesto de abertura: Literatura Marginal**

*Por Ferréz*

O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país.

Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando os nossos antepassados índios, e ao contrário dos senhores das casas grandes que escravizaram nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um pouco massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte.

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a Caros Amigos/Literatura Marginal vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo maioria. E temos muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social.

Como João Antônio andou pelas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro sem ser valorizado, hoje ele se faz presente aqui e temos a honra de citá-lo como a mídia o eternizou, um autor da literatura marginal. Também citamos a batalha do Máximo Gorki, um dos primeiros escritores proletariados. Mas não podemos esquecer de Plínio Marcos, que vendia

seus livros no centro da cidade e que também levou o título de autor marginal e acabou escrevendo dezenas de obras, Dois Perdidos numa Noite Suja e Querô, para citar só duas.

Fazemos uma pergunta: quem neste país se lembra da literatura de cordel? Que traz a pura essência de um povo totalmente marginalizado, mas que sempre insistiu em provar que a imaginação não tem fronteira? A literatura de cordel é literatura marginal, pois à margem esteve e está, num lugar que gosta de trabalhar com referências estrangeiras.

Mas estamos na área, e já somos vários, e estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados. Neste primeiro ato, mostramos as várias faces da caneta que se manifesta na favela, pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro: Sérgio Vaz, Erton Moraes, Jocenir, Paulo Lins, Atrês, Cascão, Ferrés, Edson Veóca, Alessandro Buzo estão na lista.

E como já é de praxe, aqui vai um recado pro sistema.

“Evitem certos ambientes. Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como. Não reportem povo, que ele fede. Não contem ruas, vidas, paixões violentas. Não se metam com o restolho que vocês não vêem humanidade ali. Que vocês não percebem vida ali. E vocês não sabem escrever essas coisas. Não podem sentir certas emoções, como o ouvido humano não percebe ultra-sons” (João Antônio, trecho do livro Abraçado ao meu rancor).

### **Terrorismo literário**

*Por Ferréz*

Mó satisfação em agredir os inimigos novamente, voltando com muito mais gente e com prazer de apresentar novos talentos da escrita periférica.

Um destaque que tenho que dar aqui é pra Dona Laura que é moradora da Colônia Z-3 de pescadores que fica em Pelotas, no Rio Grande do Sul, fui lá, tive a honra de conhece-la, e ficará para sempre na minha tão entulhada memória o dia em que ela chegou no meu ouvido e falou: “Prazer em conhecer, eu sou Literatura Marginal, pois fui muito marginalizada na minha vida”.

Depois do lançamento foram muitos os eventos que realizamos sobre o tema Literaturas Marginais.

Mas como sempre todos falam tudo e não dizem nada, vamos dar uma explicada. A revista é feita para e por pessoas que foram postas à margem da sociedade.

Ganhamos até prêmios, como o da APCA (Academia Paulista de Críticos de Arte), melhor projeto especial do ano.

Muitas são as perguntas, e pouco espaço para respostas, um exemplo para se guardar é o de Kafka, a crítica convencionou que aquela era uma literatura menor. Ou seja, literatura feita pela minoria dos judeus em Praga, numa língua maior, o alemão.

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo.

Tendo assim duas pessoas de que particularmente sou fã e não estou sozinho na admiração, estou falando de Plínio Marcos e João Antônio, como autores marginais, ou seja, à margem do sistema, já que falavam de um outro lugar com voz que se articulava de uma outra subjetividade ( tá vendo, quem disse que maloqueiro não tem cultura?).

Também não vamos nos esquecer que em São Paulo, no gueto da Boca do Lixo, e no Rio de Janeiro, nas rebarbas da geração Paissandu e do elitismo étlico de Ipanema, se fazia um certo cinema marginal, na periferia dos grupos de vanguarda do cinema novo.

Desse tempo também é o manifesto “Seja marginal, seja herói”, de Hélio Oiticica.

Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos taxar assim, somos uma literatura maior, feita por minorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos.

Não vou apresentar os convidados um a um porque eles falarão por si mesmos, é ler e verificar.

Afinal, um dia o povo ia ter que se valorizar, então é nós nas linhas da cultura, chegando devagar, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com hipocrisia alheia. Bom, vamos deixar de ladainha e na bola de meia tocar o barco.

Paz a quem merece.

## **ANEXO 3 - Editorial Caros Amigos - edição especial literatura marginal (Ato III – 2004)**

### **Contestação**

*Por Ferréz*

Firmeza total, cá estamos de novo no jogo, demorou mas o ato três está lançado, gostaria de agradecer muito todas as cartas e e-mails que recebemos durante o ano de 2003, a força de vocês é muito importante.

Dessa vez escolher os textos foi um trabalho muito difícil, o nível dos autores só sobre a cada edição.

Como sempre acontece a todo movimento feito por pessoas que estão “à margem” as críticas vieram aos montes também, fomos taxados de bairristas, de preconceituosos, de limitados, e de várias outras coisas, mas continuamos batendo o pé, cultura da periferia feita por gente da periferia e ponto final, quem quiser que faça o seu, afinal quantas coleções são montadas todos os meses e nenhum dos nossos é incluído? A missão que todo movimento tem não é de excluir, mas sim de garantir nossa cultura, então fica assim, aqui é o espaço dos ditos excluídos, que na verdade somam quase toda a essência do gueto.

Nessa edição volta o escritor de Itaim, Alessandro Buzo que tanto barulho fez, trouxemos também a nossa mais ilustre autora da L.M. Dona Laura lá da colônia Z-3, e os manos do hip-hop positivo, Ridson, e o baiano Gato Preto. Além de Clóvis de Carvalho e Jonlison, também da primeira edição recrutamos o poeta e rapper Atrês para fortificar as linhas de combate.

Aconteceu muita coisa desde o Ato 2, e uma delas foi a apresentação de novos autores, nesse número trazemos o grande poeta Santiago Dias, e viveremos uma noite com Neuzinha com o olhar de Tico, além da neurose de Duda e um dia comum na vida de Sacola.

Da parte do hip-hop tentamos trazer o Dexter do grupo 509-E, e o irmão tentou mandar o texto, mas devido a dificuldades do sistema prisional em que se encontra não foi possível, vai ficar para a próxima, estaremos esperando, parceiro. Já o GOG, o poeta do rap, nos traz duas letras épicas, Brasil com P parte 1 e parte 2.

Cumprimos uma difícil missão e trouxemos um texto inédito do Eduardo (Facção Central) para provar que existe muita vida inteligente no rap nacional.

Também contamos com “Nóis”, feita pela Cernov, e “A soma do que somos” do maranhense mas já residente em São Paulo Preto Ghóez. Ainda temos uma carta na manga com Santos da Rosa, Lutigarde Oliveira, Maurício Marques e Elizandra Souza, que completam o time da cultura da periferia ato 3.

Muitas foram as madrugadas para se finalizar essa edição, mas creio que um grande homem como Solano Trindade, ou uma grande mulher como Carolina Maria de Jesus, se sentiriam orgulhosos de pegar essa edição nas mãos, pois é pensando neles, e numa quantidade gigantesca de autores marginais injustiçados desse país que ainda temos força para tocar a missão.

Irmãos somos nós na fita, ou melhor... nós nos livros, pois a palavra que mais admiro é a contestação, temos que ter o poder de duvidar, de retrucar, de refazer e recriar, um parceiro me disse esses dias que a parada da Literatura Marginal é a revolução sem o r, então meus queridos, vamos evoluir e que cada talento que está no gueto não seja algemado um dia, e sim tenha estudado na melhor universidade do país, pois a cultura é nossa, e a estrutura da Casa Amarela só reforça e ainda contamos com o dom de ter toda a essência.

O padrão deles (leia-se sistema) já está montado, defendem suas vidinhas banais com tudo o que podem, escrevem sua estória elitizada e perpetuam a miséria geral, mas os loucos aqui querem fazer parte da história também e a literatura da margem toma fôlego a cada ano para se tornar um grande mar.

Aos que acreditaram na ideia de que existe uma cultura que está construindo, estamos aí, fortificando a desobediência, fazendo arte dentro da carência, e mais uma vez provando, para quem duvidou, que não precisamos de cultura na periferia, precisamos de cultura de periferia.

A questão agora é que terão que surgir muitos iguais ao Rui Barbosa para dar conta de sumir com tudo o que estamos fazendo.

A revolução será silenciosa e determinada como ler um livro à luz de velas em plena madrugada.

Salve, salve.

ANEXO 4 – Caros Amigos - edição especial literatura marginal – ATO I



A primeira edição da *Caros Amigos* – “Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I” chegou às bancas, em 2001, ao preço de R\$ 4,90 e teve uma tiragem de trinta mil exemplares. São trinta e duas páginas, com textos de dez autores, sendo oito deles de São

Paulo, e os outros dois do Rio de Janeiro (ZIBORDI, 2004). Vamos mostrar, agora, cinco textos publicados nesta edição, a fim de ilustrar a pesquisa.

### Alessandro Buzzo – Toda brisa tem seu dia de ventania



Além de escritor, Alessandro Buzzo também já trabalhou como repórter e cineasta. Ele já colaborou com o quadro “SP Cultura”, para a primeira edição do telejornal SPTV, na Rede Globo, cujo tema das reportagens era a cultura da periferia paulista. Ele possui quatro livros publicados. Seu site é <http://buzo10.blogspot.com.br/>.

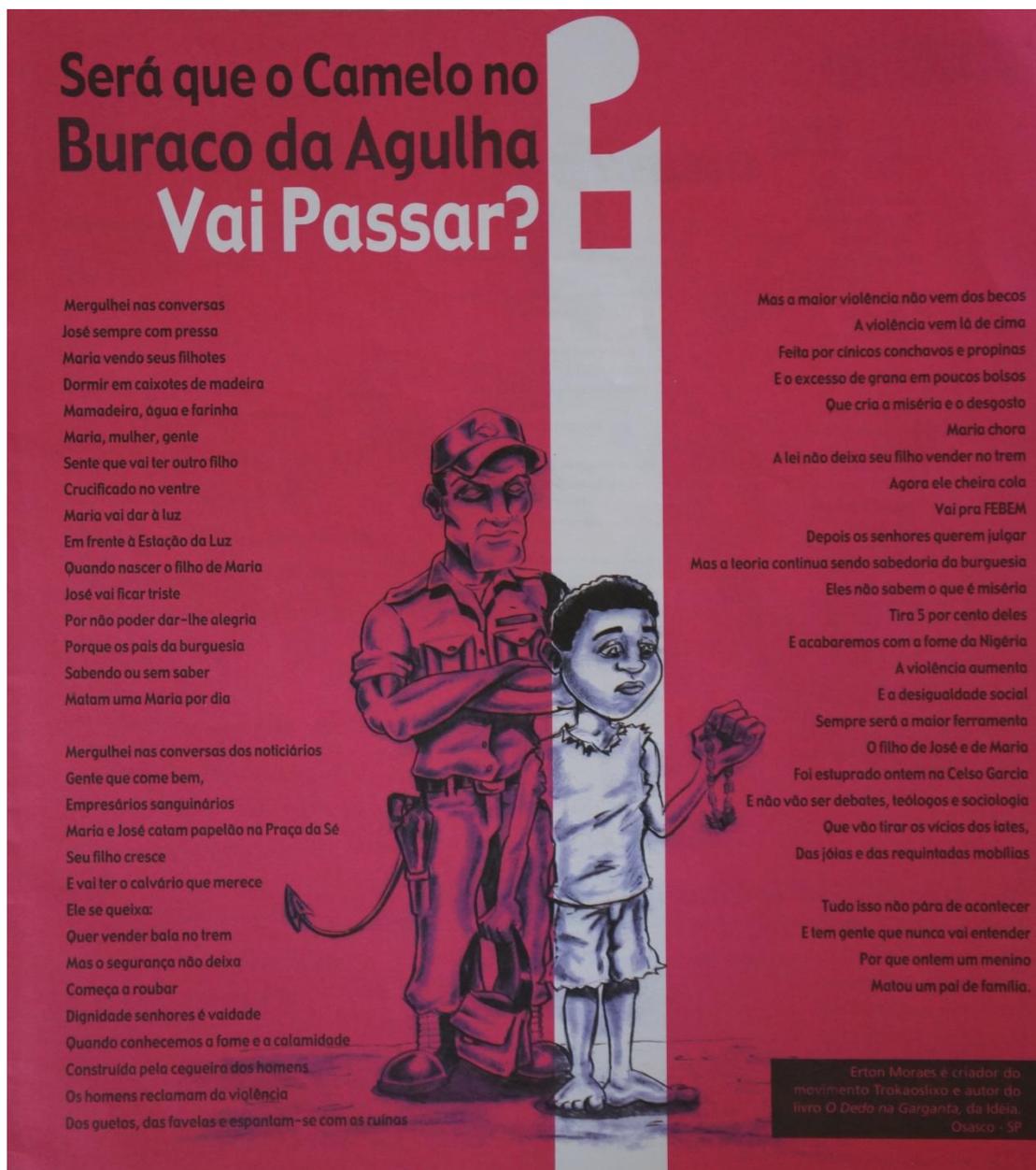
### Garret - Sonhos de um menino de rua



O escrito “1DASUL” ao fundo e o desenho em verde na camiseta do menino faz referência ao logo criado por Ferréz, cujo objetivo é representar uma marca produzida na

periferia e usada por pessoas que ali vivem. IDASUL significa “somos todos um pela dignidade da zona sul (paulista)”.

### Erton Moraes- Será que o camelo no buraco da agulha vai passar?



**Será que o Camelo no Buraco da Agulha Vai Passar?**

Mergulhei nas conversas  
José sempre com pressa  
Maria vendo seus filhotes  
Dormir em caixotes de madeira  
Mamadeira, água e farinha  
Maria, mulher, gente  
Sente que vai ter outro filho  
Crucificado no ventre  
Maria vai dar à luz  
Em frente à Estação da Luz  
Quando nascer o filho de Maria  
José vai ficar triste  
Por não poder dar-lhe alegria  
Porque os pais da burguesia  
Sabendo ou sem saber  
Matam uma Maria por dia

Mergulhei nas conversas dos noticiários  
Gente que come bem,  
Empresários sanguinários  
Maria e José catam papelão na Praça da Sé  
Seu filho cresce  
E vai ter o calvário que merece  
Ele se queixa:  
Quer vender bala no trem  
Mas o segurança não deixa  
Começa a roubar  
Dignidade senhores é vaidade  
Quando conhecemos a fome e a calamidade  
Construída pela cequeira dos homens  
Os homens reclamam da violência  
Dos quetos, das favelas e espantam-se com as ruínas

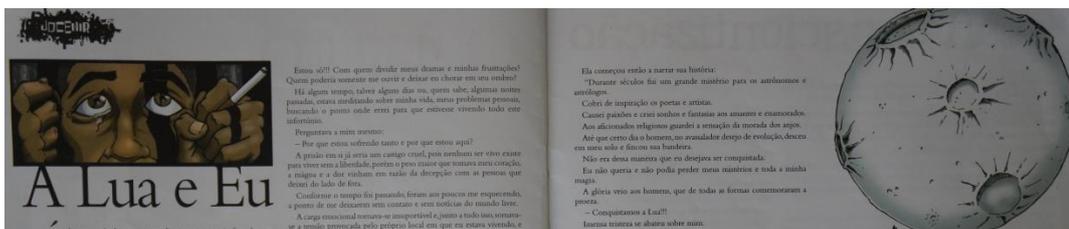
Mas a maior violência não vem dos becos  
A violência vem lá de cima  
Feita por cínicos conchavos e propinas  
E o excesso de grana em poucos bolsos  
Que cria a miséria e o desgosto  
Maria chora  
A lei não deixa seu filho vender no trem  
Agora ele cheira cola  
Vai pra FEBEM  
Depois os senhores querem julgar  
Mas a teoria continua sendo sabedoria da burguesia  
Eles não sabem o que é miséria  
Tira 5 por cento deles  
E acabaremos com a fome da Nigéria  
A violência aumenta  
É a desigualdade social  
Sempre será a maior ferramenta  
O filho de José e de Maria  
Foi estuprado ontem na Celso Garcia  
E não vão ser debates, teóloqos e sociologia  
Que vão tirar os vícios das iates,  
Das jóias e das requintadas mobílias

Tudo isso não pára de acontecer  
E tem gente que nunca vai entender  
Por que ontem um menino  
Matou um pai de família.

Erton Moraes é criador do movimento Trokaoslixos e autor do livro O Dedo na Garganta, da Ideia, Osasco - SP

Erton Moraes é o idealizador de um movimento chamado *Trokaoslixos*, em Osasco, região metropolitana de São Paulo. O objetivo do movimento é se livrar dos lixos, tanto culturais como materiais, e promover a reciclagem do ambiente físico e simbólico da comunidade.

## Jocenir - A lua e eu



**A Lua e Eu**

Estou aqui? Com quem dividir meus sonhos e minhas frustrações? Quem poderia sonhar me ouvir e deixar eu chorar em seu ombro? Há alguns tempos, talvez alguns dias ou, quem sabe, algumas noites passadas, estava pensando sobre minha vida, sobre problemas pessoais, buscando o ponto onde estar para que estivesse vivendo tudo esse inferno.

Pergruntas a mim mesmo:  
 - Por que estou sofrendo tanto e por que estou aqui?  
 A prisão em si já seria um castigo cruel, pois nenhuma ser vivo existe para viver sem liberdade, porém o pior castigo que sofria meus corações e almas e a dor vinham em razão da decepção com as pessoas que dei de lado de fora.

Condições o tempo foi passando, foram aos poucos me esquecendo, a ponto de me esquecerem até mesmo de que eu estava vivendo, e que me surpreendia a cada instante com a ignorância do mundo fora.

Muitos crimes, muito vício, muita maldade.  
 Ninguém nunca se mudou sobre nada isso, sem sono, procurei não incomodar meus companheiros de cela, que dormia profundamente, me aproximava da janela e sem que pudesse esperar, sem algo invadir meu peito e minha alma.

De súbito, fiquei estático com não bela imagem que surgiu diante dos meus olhos.  
 Olhando ao alto, bem acima das montanhas, no céu estrelado, Ela, a Lua, em sua humildeza que jamais havia visto.

Profunda emoção me acometia.  
 Fascinado emocionalmente por aquela miragem natural, me colapsava a tirar impressões do que estava vendo.

Primeira, consigo, sobre a mesma beleza, Ela, a Lua, reapareceu da noite, radiante, sem nada de luz transmitida para a Terra, que invadia minha cela com brilho singular. Fudei, como de sempre, porque que minha mente era invadida por mensagens de caridos, como se fosse telepática.

Seria possível? Ela, a Lua, procurava fazer contato comigo?  
 Procurei me concentrar e deixar toda aquela humildeza natural tomar meu rosto. Como num passe de mágica, comecei a receber as mensagens que Ela me mandava.

A cada pensamento, Ela respondia de imediato, e começava a emitir luz própria.

Ela me disse que durante muitas noites pôde me observar dentro da cela e que se preocupava com todo aquele meu sentimento negativo e amargo, esperando que tudo passasse e que em breve as coisas deviam mudar para melhor.

Ela lhe respondeu que a razão maior de tudo o que se desmoronava pela vida estava no fato de que não se sentia só sozinho e sem perspectiva.

Qual não foi minha surpresa quando Ela me disse também ter vindo o mesmo dia.

- Como poderia? - perguntei. - É tudo magoado da noite, é de oportunidade você para a vida ou não?  
 - Não se deixe levar pelas aparências, pois também, vive na angústia e na dor.  
 - Como? - perguntei, pois eu, sim, estava vivendo essa dor, e na frente do carcereiro sentia toda a angústia invadir meu peito.  
 - Exatidão - respondeu, pois eu, sim, estava vivendo essa dor, e na frente do carcereiro sentia toda a angústia invadir meu peito.  
 Exatidão - respondeu, pois eu, sim, estava vivendo essa dor, e na frente do carcereiro sentia toda a angústia invadir meu peito.

Elas conversas estão a narrar sua história.  
 Durante séculos foi um grande mestre para os antepassados e atópicos.  
 Cobri de inspiração os poetas e artistas.  
 Cantei canções e cantei canções e fantasias aos amantes e enamorados.  
 Aos desolados religiosos guardei a sensação da morada dos anjos.  
 Até que certo dia o homem, no arcaizal de depois de evolução, desceu em meu solo e ficou em sua banheira.  
 Não era deus nenhum que eu desejara ser conquistado.  
 Eu não queria e não podia perder meus mistérios e toda a minha magia.  
 A glória veio aos homens, que de todas as formas comemoraram a presença.  
 - Conquistaram a Lua?  
 Inútil tentativa de alcançar sobre mim.  
 Os antepassados e atópicos já se lançaram mais além, a razão de sua presença, buscando tão infinito os segredos do Universo.  
 Para se punir e atar, já não consigo impressão para criar emoções.  
 Os amantes e enamorados já não buscam em mim o sentido maior do amor eternamente, aquele do fundo cósmico que habita a Criação e que tem sido objeto da conquista maior de Deus.  
 E a morada dos anjos, cuja consciência humana descobriu que seu habitat seja a própria criação, entregou na tábua as oferendas dos cépticos religiosos.  
 Pensei consigo, para que existissem?  
 Eu me achava abandonado!  
 - Uma pergunta passa-se, se que Ela respondeu:  
 "Em certo momento, entre o sentimento de abandono e a dependência, tive um instante de lucidez e percebi que eu não estava só."  
 Lembrei que, embora o homem tenha perdido todo o interesse por mim, eu ainda continuava sendo importante.  
 Os planetas, as luas, os peixes, as flores e matas, os animais, os rios e mares, todos, toda a natureza, continuavam me dando a mesma importância e, tanto quanto eu, estavam sendo vítimas da ingratidão dos homens, que poluíam os rios e mares, mataram os animais e queimaram as florestas e matas.  
 O que me faz creio que a ingratidão seja sentimento peculiar ao ser humano?  
 Continuando a explicar a Lua falou:  
 "Uma noite, no caminho da madrugada, pude perceber, por estar a grande de sua janela, que você sofria de uma angústia causada por solidão.  
 Não se apresse, eu aguardo sua pausa e seu comportamento dentro dessa cela, procurando uma oportunidade para fazer contato e poder dizer-lhe algo que conseguisse mudar seus sentimentos e criar alguma esperança."  
 Pensei e lançar minhas lágrimas através de sua janela, na certeza de que em algum momento você me desse atenção.  
 Agora que lhe contei minha história, quero que você acredite que não está sozinho.  
 Exatidão - respondeu, pois eu, sim, estava vivendo essa dor, e na frente do carcereiro sentia toda a angústia invadir meu peito.

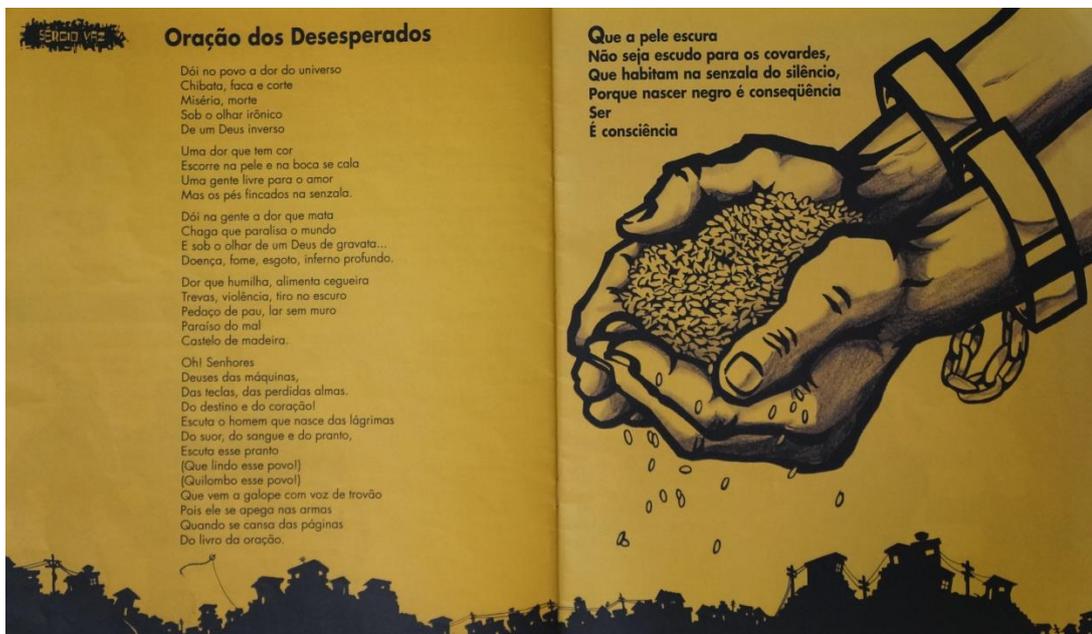
Se você for esquecido pelas pessoas que julga que o amam, lembre-se de que, além delas, outras existem na vida, esperando conhecer alguma coisa sobre você.  
 Lembre-se de que o sentimento de solidão somente deve existir enquanto pessoas vivem em Deus e na Criação.  
 E, nos momentos em que você se sentir só, basta olhar pela janela e poderá me ver e comigo conversar.  
 Lembre-se, você não está só!!!

Após ouvir atentamente sua explanação, fiquei estático e pensativo, até que resolvei deixar a mão estendida ao sono.  
 A partir de então, minha vida mudou, e meus sentimentos foram outros.  
 Já não me sinto por baixo e já não carrego no peito a mágoa e a revolta.  
 A Lua tem sido minha companhia e minha confidente.  
 Sua humildeza se abre sempre no sorriso de vida que penetra em minha alma e preenche meu coração de esperança.  
 Agora, após tanto carinho e tanta admiração, firmo um pacto de amizade eterna.  
 Nos adormecimentos para sempre e, no silêncio das madrugadas, somente meus olhos denotam a reciprocidade das nossas emoções.

Jocenir é Autor de Diário de um Detento, Intervenção Psíquica

Jocenir é autor de uma das músicas mais famosas do grupo Racionais MC's, *Diário de um detento*. A música trata sobre o massacre que aconteceu no presídio paulista Carandiru.

## Sérgio Vaz - Oração dos desesperados



**Oração dos Desesperados**

Dói na pava a dor do universo  
 Chibata, faca e corte  
 Miséria, morte  
 Sob o olhar irônico  
 De um Deus inverso

Uma dor que tem cor  
 Escorre na pele e na boca se cala  
 Uma gente livre para o amor  
 Mas os pés fincados na senzala.

Dói na gente a dor que mata  
 Chaga que paralisa o mundo  
 E sob o olhar de um Deus de gravata...  
 Doença, fome, esgot, inferno profundo.

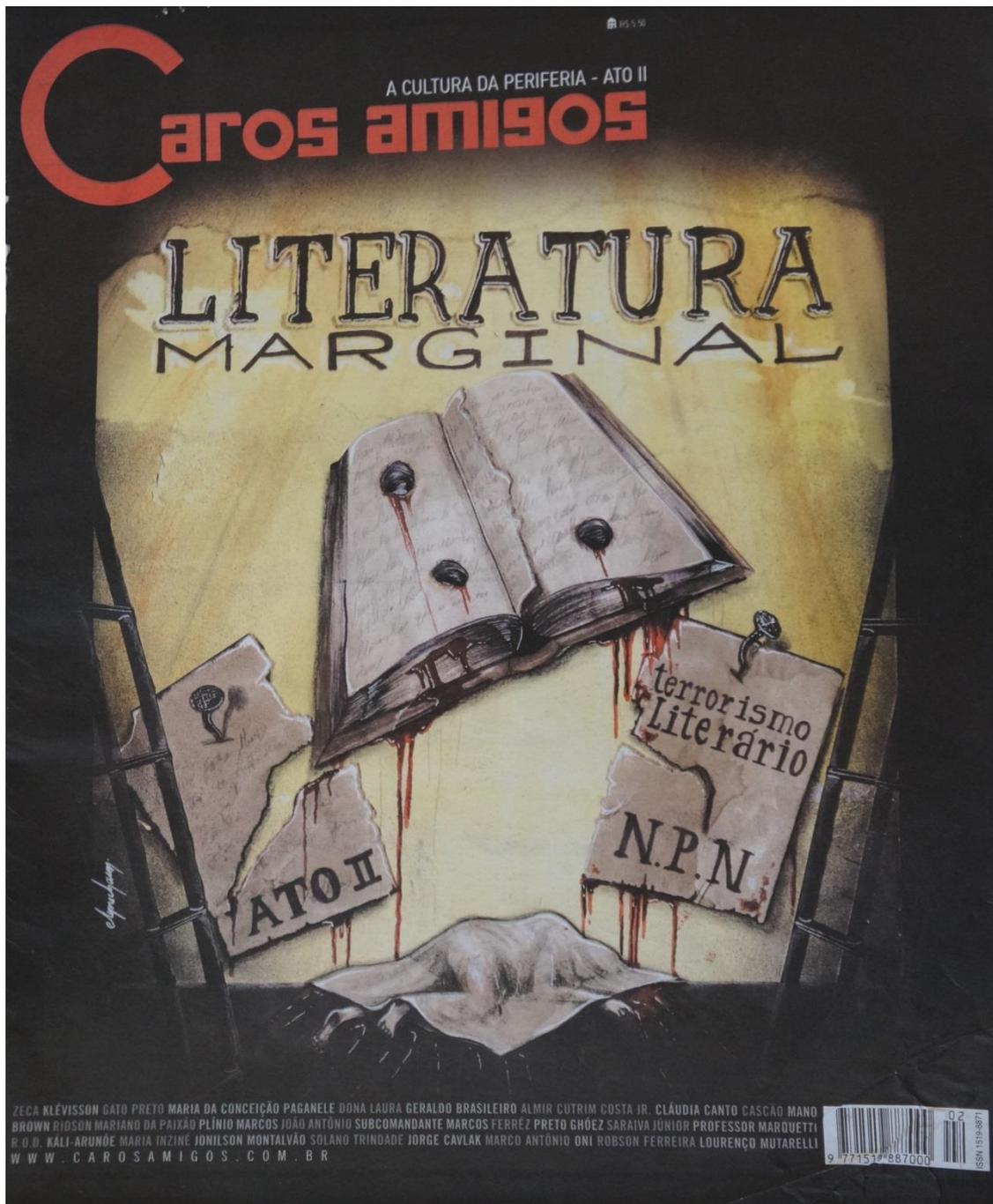
Dor que humilha, alimenta cegueira  
 Trevas, violência, tiro no escuro  
 Pedaco de pau, lar sem muro  
 Paraíso do mal  
 Castelo de madeira.

Oh! Senhoras  
 Deuses das máquinas,  
 Das teclas, das perdidas almas.  
 Do destino e do coração!  
 Escuta o homem que nasce das lágrimas  
 Do suor, do sangue e do pranto,  
 Escuta esse pranto  
 (Que lindo esse povo!)  
 (Quilombo esse povo!)  
 Que vem a galope com voz de trovão  
 Pois ele se arranca nas armas  
 Quando se cansa das páginas  
 Do livro da oração.

**Que a pele escura  
 Não seja escudo para os covardes,  
 Que habitam na senzala do silêncio,  
 Porque nascer negro é consequência  
 Ser  
 É consciência**

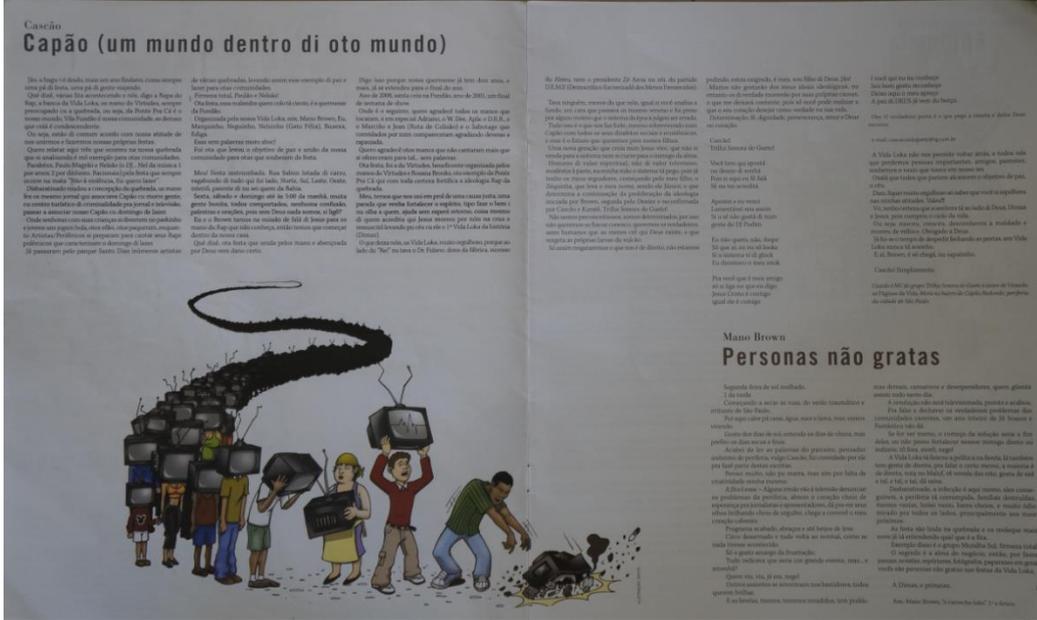
Sérgio Vaz é um dos criadores da Cooperativa da Periferia, a Cooperifa, em São Paulo. A Cooperifa é responsável pela organização de saraus nas periferias, entre outros eventos culturais.

ANEXO 5 – Caros Amigos - edição especial literatura marginal – ATO II



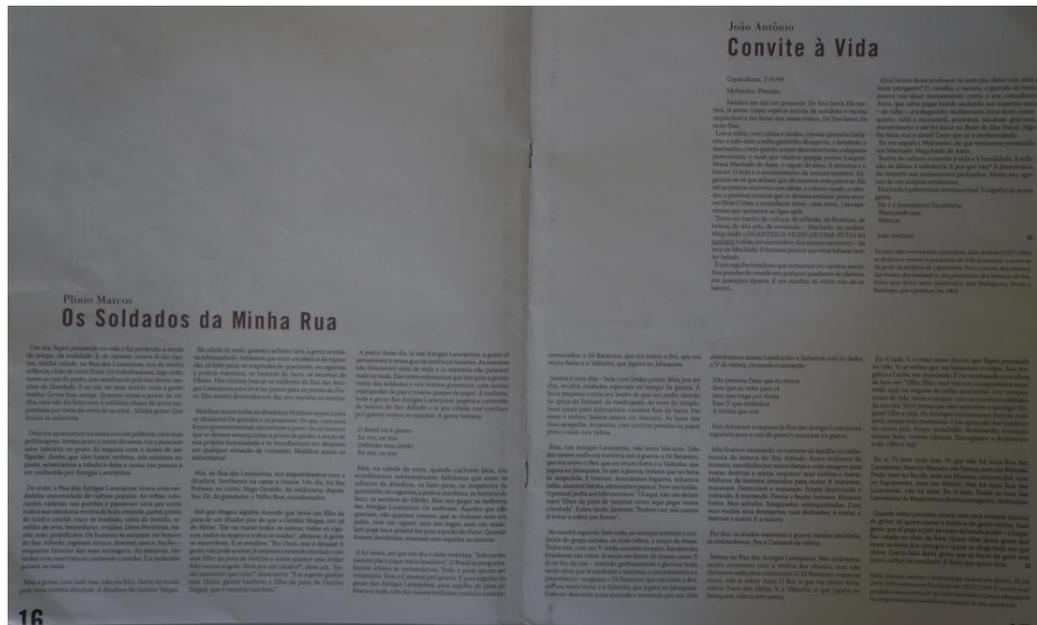
O “Ato II” foi publicado um ano após o primeiro, em 2002, custando sessenta centavos a mais (R\$5,50). A sua tiragem foi menor, vinte mil exemplares, mas o número de páginas foi o mesmo, trinta e dois. O número de autores aumentou, vinte e três, e suas origens variaram: esta edição não ficou tão restrita ao eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Tem escritores de Fortaleza, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Ceará e outras localidades. (ZIBORDI, 2004) Mostraremos mais cinco textos desta publicação, também com fins ilustrativos.

# Cascão – Capão (um mundo dentro di oto) e Mano Brown – Personas não gratas



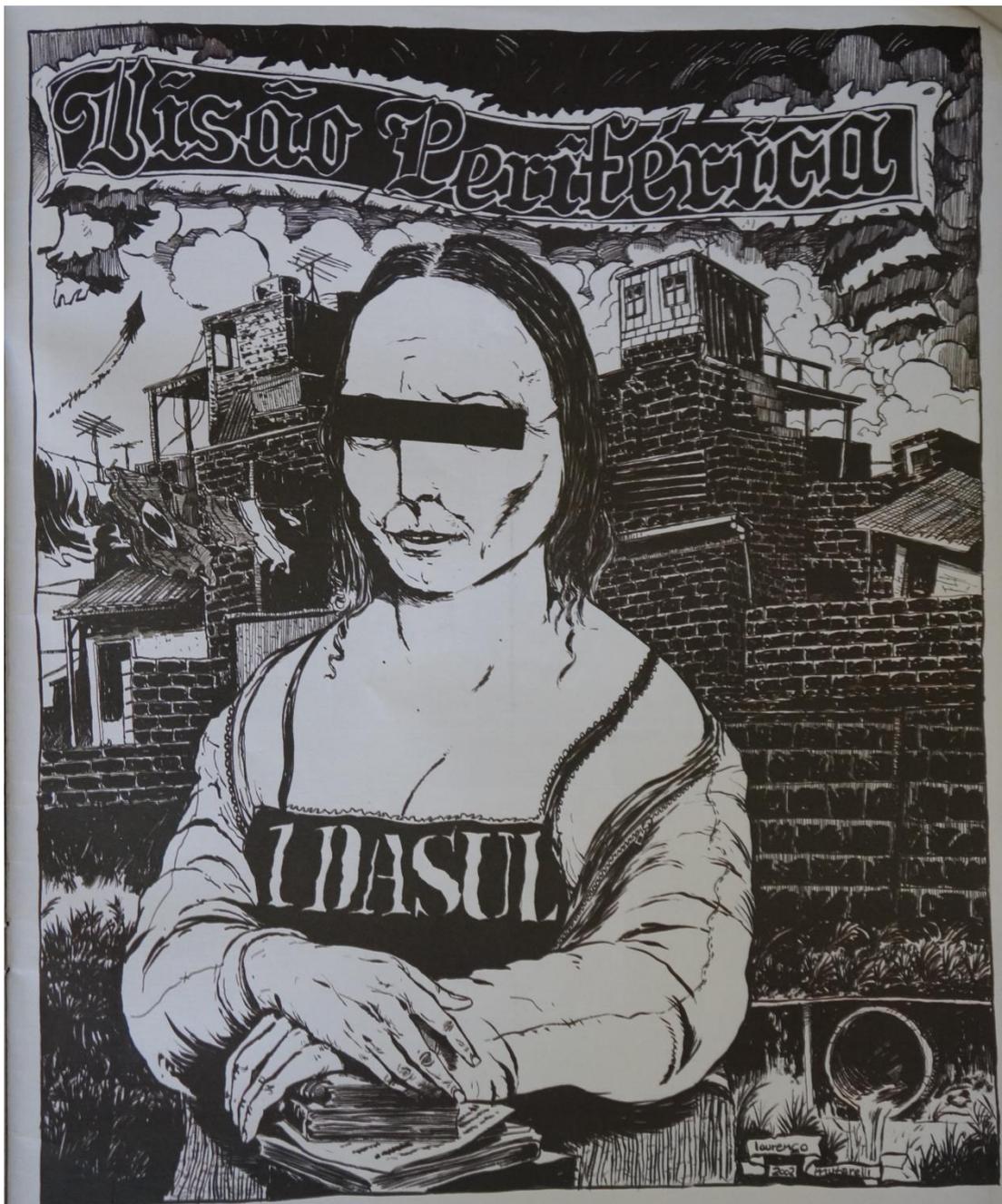
Cascão faz parte do grupo *Trilha Sonora do Gueto* e Mano Brown é a voz principal do grupo *Racionais MC's*.

## João Antônio – Convite à vida e Plínio Marcos – Os soldados da minha rua



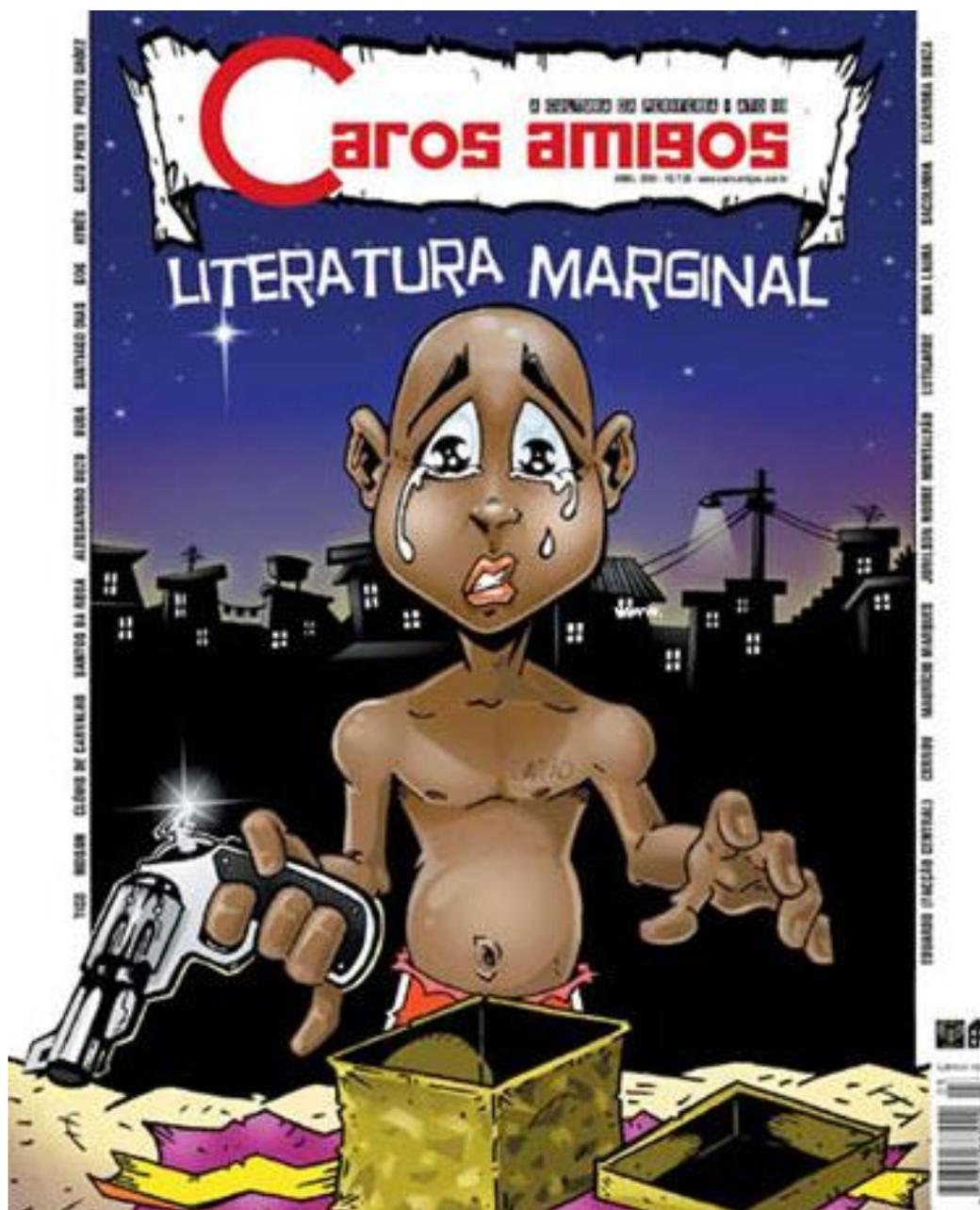
Plínio Marcos e João Antônio são dois autores consagrados do cânone da literatura brasileira contemporânea, já falecidos, e que são considerados grandes influências para o movimento da atual “literatura marginal”.

**Lourenço Mutarelli**



Lourenço Mutarelli é artista gráfico e trabalha com revistas em quadrinhos, um ramo marginalizado das publicações impressas aqui no Brasil. O “1DASUL” escrito na imagem também é referência à marca criada por Ferréz. O seu desenho encerra o segundo ato da edição especial.

ANEXO 6 – Caros Amigos - edição especial literatura marginal – ATO III



O valor atual para obtenção desse número da revista no site da *Caros Amigos* é de R\$ 10,90. Textos de vinte escritores foram publicados no Ato III, estando entre eles os *rappers* G.O.G., Eduardo, do grupo *Facção Central*, e o escritor Aldemiro Alves, o Sacolinha.